

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

ANAIDA BATISTA BRANCO

**FATORES QUE INFLUENCIAM O VOCABULÁRIO NAS OBRAS
LITERÁRIAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DOS TERMOS TÍPICOS DO
RIO GRANDE DO SUL ENCONTRADOS NO LIVRO *O CONTINENTE DE*
ÉRICO VERÍSSIMO**

Porto Alegre
2019

ANAIDA BATISTA BRANCO

**FATORES QUE INFLUENCIAM O VOCABULÁRIO NAS OBRAS
LITERÁRIAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DOS TERMOS TÍPICOS DO
RIO GRANDE DO SUL ENCONTRADOS NO LIVRO *O CONTINENTE DE*
ÉRICO VERÍSSIMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a Dr^a Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr^a. Karla Maria Müller

Vice Diretora: Prof.^a Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Samile Andrea de Souza Vanz

Chefe Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Branco, Anaida Batista

Fatores que influenciam o vocabulário nas obras literárias brasileiras: uma análise dos termos típicos do Rio Grande do Sul encontrados no livro O Continente de Érico Veríssimo / Anaida Batista Branco. -- 2019.

69 f.

Orientadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Variações linguísticas. 2. Termos típicos gaúchos. 3. Literatura brasileira. 4. Incentivo à leitura. 5. Biblioteconomia. I. Laipelt, Rita do Carmo Ferreira, orient. II. Título.

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana, Porto Alegre, RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

ANAIDA BATISTA BRANCO

**FATORES QUE INFLUENCIAM O VOCABULÁRIO NAS OBRAS
LITERÁRIAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE DOS TERMOS TÍPICOS DO
RIO GRANDE DO SUL ENCONTRADOS NO LIVRO *O CONTINENTE DE*
ÉRICO VERÍSSIMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Sônia Elisa Caregnato
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Isabel Cristina Pereira dos Santos
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho ao meu tempo de vida, por ter me permitido a realização de um sonho; à perseverança, que me faz levantar após cada queda e me mantém forte para seguir em frente; à consciência, por me manter atenta ao mundo à minha volta; ao amor da minha família, porque sem ele eu não teria conhecido a perseverança e nem a consciência e o meu tempo de vida seria completamente vazio!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Amélia e Elcy, pela paciência que tiveram com a minha presença não tão frequente; eram muitos trabalhos, leituras e aulas cinco dias na semana. Mãe, obrigada pelo incentivo à leitura. Lembra-se daqueles livrinhos infantis que compravas para mim? Eles me fizeram gostar de leitura e ser amante das bibliotecas.

Ao meu marido Carlos Alberto, grande amigo e eterno amor, que tanto me apoiou nesta jornada, sem nenhuma queixa e com tanta paciência. Obrigada pelo incentivo.

Aos meus filhos e noras, Carlos “Otto” e Michele, Fábio e Laura, Alexandre e Flávia. Valeu pelas dicas e o carinho de vocês. Laura, eu não esqueci que foste tu quem me falou sobre o curso de Biblioteconomia e eu adorei a ideia, obrigada pela luz.

Aos meus netos, Érico, Pedro, Gabriel e Lucas, pelos momentos de descontração, alegria e brincadeiras. A presença de vocês alivia qualquer *stress*.

À minha colaboradora e amiga, Ivaneide, por entender o motivo daquelas perguntas que ficavam sem resposta; era preciso muita concentração nas leituras. Obrigada pela paciência e dedicação.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a FABICO, pela oportunidade de poder conhecer o mundo acadêmico.

Aos colegas que conheci e que ficarão para sempre em meu coração. Andreza Lemke, Ediane Gheno, Paula Martini, Samuel Rosa: vocês foram meus anjos da guarda.

Aos colegas de trabalhos em grupo, de cafezinho no bar, de bate papo. Obrigada queridos, pelos belos momentos vividos no Campus Saúde.

À professora Eliane Lourdes da Silva Moro, pela oportunidade e pela confiança. Foi uma honra ter sido a primeira bolsista de seu projeto “Sala de Leitura Tabajara Ruas” localizada na Recreação do oitavo andar do Hospital de Clínicas de Porto Alegre – HCPA. Saí de lá um ser humano melhor e um profissional mais experiente. Aos colaboradores, estagiários e voluntários da Recreação do oitavo andar do HCPA o meu muito obrigado, pela acolhida e troca de experiências.

À minha professora e orientadora Rita do Carmo Ferreira Laipelt, que me inspirou com as disciplinas de Terminologia e Linguagem Documentária III. O conteúdo das tuas aulas me direcionou para o tema deste trabalho.

Ao professor Rodrigo Silva Caxias de Sousa, pelas conversas e por mostrar que eu sou capaz; à professora Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto, pelas críticas construtivas que só me fortaleceram; à professora Sonia Elisa Caregnato, pelo grande auxílio com o projeto deste trabalho e por ter aceitado o convite de fazer parte da banca examinadora do meu trabalho de conclusão; à professora Lúcia da Silveira, por me fazer refletir até alcançar os propósitos do meu projeto. À mestrandia Isabel Cristina Pereira dos Santos, por participar da banca examinadora do meu TCC.

Aos professores Jackson da Silva Medeiros, Rene Faustino Gabriel Junior, Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima, Samile Andreas de Souza Vanz, Rafael Port da Rocha, Maria do Rocio Fontoura Teixeira, Ana Maria Mielniczuk de Moura, Sandra Maria Lucia Pereira Gonçalves, Luciana Neves Nunes, Ketlen Stueber, Maria Lucia Dias, Álvaro Paveto Neto, Lizete de Oliveira, Ivete Tazima, Glória Sattamini Ferreira, Helen Rozados e Helen Rose Flores, que nesses doze semestres de curso me proporcionaram conhecimento e estimularam minha autoconfiança. Obrigada!

À diretora da Biblioteca Pública do Estado – BPE, bibliotecária Morgana Marcon, pela oportunidade de estágio obrigatório. A experiência adquirida foi fundamental para o meu currículo. Obrigada Cris Alice, Neuza, Bruno, Úrsula, Amanda e demais colaboradores da BPE, o conhecimento administrativo e técnico que obtive com o auxílio de vocês foi de grande relevância para a minha formação profissional.

Finalmente, a todas as pessoas que fazem parte da minha vida e que torceram por mim nesta jornada. Obrigada!

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que triste os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”*

(Mário Quintana)

RESUMO

Apresenta um estudo bibliográfico sobre as variações terminológicas encontradas nos livros da literatura brasileira editados até meados do século XX. Enfatiza os termos típicos do Rio Grande do Sul que fazem parte da terminologia do livro *O Continente I* do escritor gaúcho Érico Veríssimo. Contextualiza o leitor como foco das ações de incentivo à leitura, alguns aspectos do desenvolvimento da literatura brasileira e do regionalismo, por serem assuntos que corroboram este estudo. Aborda a área da Linguística e da Sociolinguística, com ênfase para a Teoria Variacionista, por explicar as variações que caracterizam os termos típicos gaúchos. Disserta sobre a área da Terminologia e da Socioterminologia, por serem parâmetros para este estudo. Utiliza como metodologia um estudo bibliográfico e terminológico, sendo uma pesquisa qualitativa de natureza básica e de abordagem exploratória. Analisa 25 (vinte e cinco) termos típicos gaúchos que foram coletados do livro *O Continente I*. Ressalta que, alguns termos típicos não são encontrados em dicionários da língua portuguesa; outros estão sob a forma de variantes; existem, ainda, aqueles que são encontrados com significado totalmente diferente se incluído no contexto do livro. Conclui que existe variação diatópica em todos os termos e diacrônica em parte deles, que são fatores que influenciam no vocabulário das obras.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Termos típicos gaúchos. Literatura brasileira. Leitura. Biblioteconomia.

ABSTRACT

It presents a bibliographical study about the terminological variations found in the books of Brazilian literature published until the middle of the twentieth century. Emphasizes the typical terms of Rio Grande do Sul that are part of the terminology of the book *O Continente I* by the gaúcho writer Érico Veríssimo. It contextualizes the reader as the focus of actions to encourage reading, some aspects of the development of Brazilian literature and regionalism, as these are subjects that corroborate this study. It approaches the area of Linguistics and Sociolinguistics, with emphasis on Variation Theory, by explaining the variations that characterize the typical Gaúcho terms. She talks about the area of Terminology and Socioterminology, as they are parameters for this study. It uses as methodology a bibliographic and terminological study, being a qualitative research of basic nature and exploratory approach. It analyzes 25 (twenty-five) typical Gaúcho terms that were collected from the book *The Continent I*. It points out that some typical terms are not found in dictionaries of the Portuguese language; others are in the form of variants; There are also those that are found to have a totally different meaning if included in the context of the book. It concludes that there is diatopic variation in all terms and diachronic variation in part, which are factors that influence the vocabulary of the works.

Keywords: Linguistic Variations. Typical Gaúcho terms. Brazilian literature. Reading. Librarianship.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Termos típicos do Rio Grande do Sul..... | 41 |
| Quadro 2 - Grupo de termos conforme sua classificação..... | 42 |
| Quadro 3 - Relação dos termos analisados e as variações correspondentes | 57 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | CONTEXTO DE ESTUDO | 15 |
| 2.1 | O leitor como foco das ações de incentivo à leitura | 15 |
| 2.2 | Aspectos do desenvolvimento da literatura brasileira | 18 |
| 2.3 | Regionalismo | 20 |
| 2.4 | O Continente – volume I | 22 |
| 2.4 | Érico Veríssimo | 25 |
| 3 | REFERENCIAL TEÓRICO | 27 |
| 3.1 | Linguística e Sociolinguística | 27 |
| 3.2 | Terminologia e Socioterminologia | 34 |
| 4 | METODOLOGIA | 41 |
| 5 | ANÁLISE DOS TERMOS | 47 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 60 |
| | REFERÊNCIAS | 63 |
| | APÊNDICE A - Relação de termos não compreendidos pela autora deste trabalho | 67 |

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar os termos utilizados na literatura brasileira é possível dizer que muitos termos não são compreendidos pelos diversos leitores, o que ocasiona certo incômodo ou mesmo desinteresse pela leitura. Se um livro é escrito sobre os acontecimentos da Região Sul, por exemplo, é passível pensar que um leitor da Região Nordeste poderá não entender o significado de uma quantidade considerável de termos. Se a língua falada em todo o Brasil é a mesma, por que existe essa dificuldade? Por que determinados termos utilizados pelos escritores da literatura brasileira, principalmente aqueles escritos até meados do século XX, são tão difíceis de entender no século XXI? Para compreender essa diversidade terminológica, este trabalho busca embasamento teórico nas áreas da Linguística e da Terminologia.

A Linguística é uma área que trata da fala, da linguagem e da língua, além de estudar as questões terminológicas dos diversos grupos sociais existentes no Brasil e nos demais países. Agregando conhecimento e esclarecimentos, a subárea da Linguística, a Sociolinguística, se detém nos conceitos socioculturais e nas variações terminológicas.

A Terminologia, por sua vez, é uma área que trata dos termos específicos de determinada área profissional, mas, tem, também, preocupação de cunho socioterminológico. Através da sua subárea, a Socioterminologia, se preocupa com os aspectos sociais da linguagem de especialidade.

Para elucidar a questão foco deste trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica em bases de dados acadêmicas a procura de conteúdo que suprisse a nossa necessidade de informação. Primeiramente, foram elencadas palavras e expressões que estivessem mais próximas do tema em estudo. São elas: literatura brasileira, literatura, variações terminológicas, terminologia, variação linguística. As fontes pesquisadas foram: Brapci, Lisa, Capes, Scielo e Web Of Science. Os delimitadores utilizados concentram-se no idioma português, assunto, todo tipo de documento, primeiras dez páginas, últimos dez anos, busca simples e avançada com a utilização dos operadores booleanos.

Após uma detalhada busca nas fontes acima mencionadas, nada foi encontrado dentro da área da Biblioteconomia que ligasse literatura às variações terminológicas. Porém, os termos utilizados para a busca nos direcionaram para as áreas da Linguística e da Terminologia, áreas estas que estão providas de informações que são fundamentais para o presente trabalho, embasadas em nomes como William Labov, Ferdinand de Saussure, José Luiz Fiorin, entre outros.

Como complemento teórico, neste trabalho são contextualizados, em poucas palavras, a posição do leitor como foco das ações de incentivo à leitura, alguns aspectos do desenvolvimento da literatura brasileira e a influência sofrida pela nossa cultura miscigenada, assim como uma breve explicação sobre regionalismo e sua relação com a literatura brasileira até meados do século passado. Com essa contextualização, procuramos demonstrar que a linguagem dos diversos povos que construíram a nação brasileira está diretamente ligada às variações terminológicas encontradas nas obras literárias, assim como o regionalismo, característica temática da época.

Ao longo dos anos alguns termos mudam de significado ou são substituídos por outros. Existem alguns termos que são característicos de determinada região ou grupo social. Existem, também, aqueles que possuem significado diferente de região para região. Assim, o problema empírico desta pesquisa se resume na seguinte questão: **de que forma as variações terminológicas podem alterar/influenciar a compreensão das obras literárias brasileiras?**

O objetivo geral deste trabalho é identificar no livro *O Continente I*, 2000, 42. ed., versão idêntica à de 1949, as possíveis variações de termos típicos gaúchos que possam gerar dificuldades de compreensão do sentido original do termo.

Como objetivos específicos, buscamos listar os termos típicos do vocabulário Sul-riograndense presentes na obra *O Continente I* e analisar as mudanças de sentido que os mesmos possam ter sofrido desde a publicação da obra. Da mesma forma, buscamos identificar as variações terminológicas existentes. O estudo desses termos foi fundamentado no contexto da Linguística e da Terminologia.

O tema escolhido deve-se ao fato de que muitas vezes nos sentimos desmotivados ao ler as obras de escritores brasileiros por serem elaboradas com diversas palavras diferentes do léxico de nosso conhecimento. Surgiu, então, uma necessidade visceral de explorar este assunto, pois, entendendo melhor essa diferença lexical, uma lacuna seria preenchida na questão da curiosidade e entendimento correspondentes ao conteúdo presente nas obras.

Baseado em experiência própria, pode-se dizer que alguns leitores das obras literárias brasileiras, além de se depararem com uma infinidade de termos que desconhecem, têm, ainda, a dificuldade de encontrar seus significados. Nos dicionários de língua portuguesa de maior acesso da população, muitas vezes, estes termos não são encontrados, por aparecerem com uma escrita diferente ou por se encontrarem na forma de variantes. Sobre este aspecto, o leitor sente-se desestimulado em seguir com a leitura, deixando de apreciar verdadeiros tesouros da nossa cultura.

Este trabalho procura contribuir com as ações de incentivo à leitura apresentando um estudo sobre as variações terminológicas. Da mesma forma, busca esclarecer alguns pontos que por acaso possam ser obscuros. Para um melhor entendimento, este estudo foi elaborado em seis seções: a presente introdução, o contexto de estudo, o referencial teórico, a metodologia, a análise dos termos e as considerações finais.

2 CONTEXTO DE ESTUDO

São tratados nesta seção: o leitor como foco das ações de incentivo à leitura; alguns aspectos do desenvolvimento da literatura brasileira; regionalismo; o livro *O Continente I* e Érico Veríssimo. Estes assuntos visam contribuir para uma melhor compreensão da pesquisa.

2.1 O leitor como foco das ações de incentivo à leitura

Acreditamos que todo o leitor ao ler um livro tenha condições de materializar os textos, ou seja, imaginar aquilo que está lendo e sinta os acontecimentos como se fossem a realidade. A leitura desenvolve em nosso psicológico o poder da percepção e, com isso, aguça a nossa criatividade. Conforme Pinheiro (2019, p. 23):

Ler é antes de tudo, a capacidade de sentir, se sinto então posso perceber e transformar a partir da leitura realizada. O ato de ler é uma das possibilidades mais engrandecedoras da vida. A experiência da leitura enriquece o nosso ser, seja pelo ganho de vocabulário, de conhecimento, pela construção do pensamento crítico, pelo amadurecimento, nos tornando capazes de transformar a realidade vivida [...] (PINHEIRO, 2019, p. 23).

As palavras da autora são a tradução do que é a leitura, porém, nem sempre conseguimos traduzir para os nossos conhecimentos as palavras dos autores. Como já foi visto neste trabalho, a terminologia utilizada nos livros nem sempre é aquela que está presente em nosso meio social.

Sabe-se que estudos já foram desenvolvidos nesse sentido, como é o caso da Sociolinguística e da Socioterminologia. Estas áreas estão preocupadas com a fala dos diversos grupos sociais existentes em todo o território nacional.

Entender o vocabulário utilizado nos livros da literatura brasileira, por exemplo, levando-se em conta que os autores brasileiros têm suas origens nos diversos estados do Brasil, torna-se bem difícil.

Este trabalho, além do objetivo proposto, direciona um olhar para o incentivo à leitura. Precisamos pensar nos leitores que procuram na leitura

uma atividade prazerosa e de puro lazer. O estudo das variações terminológicas dos termos típicos do Rio Grande do Sul, presentes no livro *O Continente I*, demonstra preocupação com o leitor e com a sua necessidade de informação. Yunes (2010, p. 200) menciona:

De qualquer forma, também acredito que – para que se fomente a leitura e se criem as condições para o acesso e o interesse pelo livro – não basta investir em bibliotecas se o leitor não for cativado. Mas não será possível cativar leitores se ele não compreende o que lê. E não adianta reduzir o preço do livro se os jovens preferem celulares ou lan houses (YUNES, 2010, p. 200).

Com certeza é necessário um conjunto de fatores para que o leitor não desista do livro. Por esse motivo, e em contrapartida ao incentivo à leitura, existe no Brasil o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL.

O PNLL foi instituído em 2006 pelo Ministério da Educação. É uma ação almejada por representantes de todas as cadeias relacionadas à leitura, incluindo bibliotecários, especialistas em livro e leitura, educadores, entre outros (SNBP, [20-]).

Conforme o Art. 1 das diretrizes do PNLL, fica instituído que o Plano será de duração trienal, tendo por finalidade básica assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional (SNBP, [20-]).

Conforme a Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), a organização do Plano é orientada por quatro eixos em que cada um deles orienta para as prioridades de ação. São eles:

a) Eixo 1 – Democratização do acesso

Implantação de novas bibliotecas;

Fortalecimento da rede atual de bibliotecas;

Conquista de novos espaços de leitura;

Distribuição de livros gratuitos;

Melhoria do acesso ao livro e a outras formas de expressão da leitura;

Incorporação e uso de tecnologias de informação e comunicação.

b) Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores

Formação de mediadores de leitura;

Projetos sociais de leitura;

Estudos e fomento à pesquisa nas áreas do livro e da leitura;

Sistemas de informação nas áreas de bibliotecas, da bibliografia e do mercado editorial;

Prêmios e reconhecimento às ações de incentivo e fomento às práticas sociais de leitura;

c) Eixo 3 – Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico

Ações para converter o fomento às práticas sociais da leitura em Política de Estado;

Ações para criar consciência sobre o valor social do livro e da leitura;

Publicações impressas e outras mídias dedicadas à valorização do livro e da leitura.

d) Eixo 4 – Desenvolvimento da economia do livro

Desenvolvimento da cadeia produtiva do livro;

Fomento à distribuição, circulação e consumo de bens de leitura;

Apoio à cadeia criativa do livro;

Maior presença no exterior da produção nacional literária científica e cultural editada.

Esses eixos servem como fixação, delineamento e sistematização para iniciativas e ações; são “balizas” para o planejamento e implementação das ações, assim não há dispersão; servem para que as prioridades sejam focadas (MARQUES NETO, 2010, p. 51).

“A constituição do PNLL foi um marco significativo para a elaboração de uma Política de Estado, de natureza abrangente, que possa nortear, de forma orgânica, políticas, programas, projetos e ações continuadas e permanentes.” (SNBP, [20-]).

Em 13 de julho de 2018 foi sancionada uma lei que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita – PNLE, “que tem como estratégia a promoção

do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil.” (SNBP, [20-]).

O PNLE tem como responsabilidade “[...] a construção e revisão permanentes de Planos voltados para o setor do livro, da leitura e das bibliotecas.” (SNBP, [20-]).

Além da atitude tomada pelo Governo com a criação do PNLE e por ações como o PNLL, Yanes (2010, p. 201) destaca que “[...] a importância da leitura deixou de ser uma visão e passou a orientar ações espontâneas de comunidades de diferentes perfis em todo o Brasil.” Para o autor:

Enfrentar esses desafios para transformar o Brasil em um país de leitores é tarefa de toda a sociedade. É preciso que sociedade civil e governo se unam para identificar, planejar e implementar ações que sejam efetivas para a construção de um país leitor e com melhores indicadores de educação e desenvolvimento humano (YANES, 2010, p. 201).

O autor nos mostra através de suas palavras que o incentivo à leitura é de relevante importância para a formação cultural do cidadão. Ações como o PNLL são exemplos de que atitudes já foram tomadas; o importante é seguir em frente e não desanimar.

2.2 Aspectos do desenvolvimento da literatura brasileira

A literatura brasileira, no início, sofreu influência de Portugal devido à chegada dos portugueses ao Brasil em 1822. Agregado a essa imagem lusófona, surge o sentimento de uma nação que está nascendo, com uma cultura miscigenada, que vem a construir uma literatura com traços dos povos locais e características dos estrangeiros europeus. Nesse contexto, menciona Candido (1999):

A sociedade colonial brasileira não foi, portanto (como teria preferido que fosse certa imaginação romântica nacionalista), um prolongamento das culturas locais, mais ou menos destruídas. Foi transposição das leis, dos costumes, do equipamento espiritual das metrópoles. A partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais formou-se a sociedade brasileira, que viveu desde cedo a difícil situação de contacto entre formas primitivas e formas avançadas, vida rude e vida requintada. Assim, a literatura

não “nasceu” aqui: veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova (CANDIDO, 1999, p. 12).

Com fundamento nesses dados históricos, pode-se concluir que o território nacional conserva a forte influência dos povos que colonizaram o Brasil e em cada região se estabeleceu uma característica própria, tanto no modo de falar quanto na terminologia empregada na construção das obras literárias.

Sobre esse aspecto, os escritores das diversas regiões do País escrevem seus textos literários utilizando uma terminologia que não é comum, muitas vezes, desconhecida para os leitores de outras localidades. Da mesma forma, seguindo uma linha diacrônica, nota-se que muitos termos usados pelos autores já não são mais utilizados na atualidade. Essa mudança na utilização dos termos na linha do tempo deve-se ao fato de que os livros escritos até meados do século XX transcreviam uma terminologia típica da época, as quais, atualmente, foram substituídas por variantes ou deixaram de existir juntamente com seu signo.

Ao analisar determinados termos do livro *O Continente* pode-se dizer que muitos deles fazem parte de uma linguagem tipicamente gaúcha. São termos que dão significado a símbolos existentes somente no estado do Rio Grande do Sul. Pensando-se na grandiosidade do território brasileiro e nas diversas regiões existentes, cada uma com a sua formação cultural peculiar, é possível imaginar que exista uma quantidade expressiva de termos cujo significado e conceito não são facilmente encontrados em dicionários da língua portuguesa.

Os romances brasileiros escritos até meados do século XX caracterizam-se por contarem a história da formação do povo brasileiro, abrangendo a divisão das regiões, seus estados e cidades; a vinda dos imigrantes para o Brasil; as revoluções; entre outros. Para a composição das obras literárias, os autores utilizam uma terminologia associada, em geral, à sua origem e ao seu conhecimento das tradições locais contribuindo para um vocabulário específico.

2.3 Regionalismo

Para o *Dicionário Michaelis* (2010, P. 741), o termo regionalismo encontra-se conceituado como: “1 Expressão social e política de defesa dos interesses de uma região. 2 *Gram* Termos ou locuções próprios de cada região. 3 *Lit* Caráter da literatura em que aparecem costumes e tradições regionais”.

Em uma pesquisa feita nos bancos de dados acadêmicos, nos deparamos com um trabalho intitulado “Acheegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil”, elaborado por Aparecida Negri Isquerdo (2006), na época bolsista da UEL – Centro de Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras e Vernáculos, Londrina, PR, que retrata muito bem a questão do regionalismo, no sentido semântico da língua.

A autora explica que o português do Brasil está condicionado a uma norma que “[...] pode ser entendida sob duas perspectivas: num sentido mais amplo e num ponto de vista mais restrito” (ISQUERDO, 2006, p. 15). Neste caso, o ponto de vista mais restrito é o que dá mais ênfase às questões de regionalismo. Sobre isto, diz Isquerdo:

Na segunda perspectiva, adotando como parâmetro apenas a norma brasileira, focalizam-se as normas representativas das diferentes regiões brasileiras, também concebidas como variantes condicionadas por fatores socioculturais. Esse ponto de vista conduz a duas noções de norma: “uma norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade” (BIDERMAN¹, 2001, p. 20 *apud* ISQUERDO, 2006, p. 15).

Isquerdo explica que existem “[...] diferentes níveis de regionalismos, considerando-se os diferentes graus de disseminação do fato linguístico” (ISQUERDO, 2006, p.15). Estes níveis de regionalismos se deram na época colonial podendo ser observados “[...] nos relatos de viagens, nos documentos escritos [...] a começar pela Carta de Caminha [...] ensejando

¹ BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 a.

assim o início do delinear de uma norma nacional [...]” (ISQUERDO, 2006, p. 18). Quanto a essa norma nacional, a autora destaca o seguinte:

Na verdade, essa norma foi se desenhando de forma distinta nas diferentes regiões brasileiras, motivada por condicionantes extralingüísticos, como os fatores físico-geográficos que as individualizam, os contatos étnicos que ali se processaram, as atividades econômicas predominantes, enfim, pela história social das várias áreas culturais que foram se formando, nos mais diferentes rincões do Brasil, ao longo da sua história (ISQUERDO, 2006, p. 18).

Sobre esse contexto, pode-se dizer que o regionalismo em todos os sentidos vistos até aqui influenciou muito na escrita dos primeiros romances brasileiros. Sobre isso, menciona Chaguri:

Debates sobre as variadas correntes literárias visíveis na literatura mobilizam, rotineiramente, críticos, leitores e escritores. Entre os anos de 1930 e 1940, no Brasil, diferentes proposições estéticas, circunstâncias sociais e contingências políticas concorreram para circunscrever região e regionalismo como elementos distintivos chave das práticas literárias em torno do moderno romance brasileiro (CHAGURI, 2014, p. 185.).

Os elementos região e regionalismo sofreram influência de diversas formas, caracterizando a literatura brasileira e compondo cenários variados na segunda fase do Modernismo (1930-1945). Escritores nativos de cada região do Brasil fizeram de suas obras o retrato da história no particular de cada lugar. Fato que se confirma nas palavras de Chaguri (2014):

Norte e Sul, no entanto, constituíram o binômio que deu a tônica do modo como diferentes romances e autores foram recebidos, lidos e analisados, produzindo um capítulo fértil da crítica literária que desenhou, por sua vez, uma espécie de mapa da literatura nacional, no qual livros e autores exemplares das literaturas produzidas em diferentes regiões foram sendo fixados (CHAGURI, 2014, p. 185).

Na obra *O Continente I*, pode-se ver claramente a característica do regionalismo sendo explorado em toda a sua essência; é visível a presença da cultura típica do Rio Grande do Sul. Porém, todo esse regionalismo precisa relacionar-se com o nacional; é necessário que haja um equilíbrio.

Para Erico Verissimo, ser regional sem ser típico ou folclórico aparece como um desafio permanente que é equacionado por meio de um novo ponto de vista para a narração da história sulina: uma história regional reconstruída a partir da tensão permanente entre cultura e política, e, portanto, equilibrada numa linha instável entre a singularização do cotidiano campeiro, a prática guerreira e o diálogo com o nacional (CHAGURI, 2014, p. 195).

Tanto Isquerdo (2006) quanto Chaguri (2014) expõem suas críticas sobre a diversidade do regionalismo no contexto nacional. Mostram que a cultura e acontecimentos típicos de cada região influenciam na construção das obras que formam a literatura brasileira do começo do século XX.

2.4 O Continente – volume I

A trilogia *O Tempo e o Vento* é uma das mais famosas obras do escritor gaúcho Érico Veríssimo. É composta por três partes: *O Continente* (parte I), *O Retrato* (parte II), *O Arquipélago* (parte III).

A obra retrata a formação da família Terra Cambará, tendo como pano de fundo a história do Rio Grande do Sul.

Num constante ir e vir entre o passado – as Missões, a fundação do povoado de Santa Fé – e o tempo do Sobrado sitiado pelas forças federalistas, em 1895, desfilam personagens fascinantes, eternamente vivos na imaginação dos leitores de Érico Veríssimo: o enigmático Pedro Missioneiro, a corajosa Ana Terra, o intrépido e sedutor Capitão Rodrigo Cambará, a tenaz Bibiana. (LIVRARIA CULTURA², 2017).

O livro é composto por quatro capítulos intitulados “O Sobrado”, intercalados por notificações de tempos anteriores. Abaixo, são elencados os capítulos e as intercalações contendo algumas palavras retiradas do texto. São eles:

O Sobrado - capítulo I

O tiroteio cessara ao entardecer. Talvez a munição da gente do Sobrado tivesse acabado. Ele podia atravessar a rua devagarinho,

² LIVRARIA Cultura S/A. 2017. Sinopse. Disponível em: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/romances-historicos/o-tempo-e-vento-parte-i-42145824>. Acesso em: 06 jun 2019.

assobiando e acendendo um cigarro. Seria até uma provocação bonita. Vamos, Liroca, honra o lenço encarnado. Mas qual! Lá estava aquela sensação fria de vazio e enjôo na boca do estômago, o **minuano** gelado nos miúdos (p. 1, grifo nosso).

A fonte

Alonzo começou a atravessar a praça. Havia no ar um cheiro de névoa batida de sol, e a brisa que lhe chegava às narinas vinha carregada dum suave perfume de **macela**. Alonzo gostava da paisagem ao redor da redução. Não era trágica como a de certas regiões de Espanha, nem cruel como a dos trópicos. Era pura de linhas e cores – **coxilhas** verdes recobertas de **macegas** cor de palha e manchadas aqui e ali dum **caponete**; por cima de tudo, um céu azul onde não raro boiavam nuvens. Era simples e ingênua, dir-se-ia pintada em aquarela pela mão duma criança (p.30, grifo nosso).

O Sobrado - capítulo II

Sob as cobertas D. Bibiana cruza os braços e aperta-os contra o peito. Se ao menos lhe trouxessem um braseiro para botar debaixo da cama... Ou lhe dessem um **chimarrão** bem quente... Encolhida de frio e de medo, ela começa a rezar automaticamente. No meio da oração perde-se, esquece as palavras, mas aos poucos se vai lembrando das outras coisas. O Sobrado cercado... a revolução... o parto de Alice... Teria nascido a criança? Menino ou menina? Onde estão todos? Por que não vêm me contar nada? Nunca ninguém me conta nada. Valéria! Curgo! Rodrigo! Toríbio! Nada. Ninguém. Só o silêncio do casarão, o vento nas vidraças e o tempo passando... (p. 72, grifo nosso).

Ana Terra

Ana Terra descia a **coxilha** no alto da qual ficava o rancho da estância, e dirigia-se para a **sanga**, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja, e pensando no que a mãe sempre lhe dizia: “Quem carrega peso na cabeça fica papudo.” Ela não queria ficar papuda. Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a Capitania de São Paulo, onde nascera (p. 73, grifo nosso).

O Sobrado – capítulo III

Licurgo mantém-se calado. Seus olhos estão fitos na fachada da Intendência. Lá dentro daquela casa está Alvarino Amaral, e nesse homem Licurgo concentra todo o fogo de seu ódio, como se ele

fosse o culpado de tudo: da revolução, da morte de sua filha, de toda a desgraça que caíra sobre sua casa...

- Que será que houve? – pergunta ele, mais para si mesmo que para o companheiro.

- Decerto os **maragatos** já abandonaram a cidade (p. 159, grifo nosso).

Um certo capitão Rodrigo

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de **barbicacho** puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. [...] Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira (p. 171, grifo nosso).

O Sobrado – capítulo IV

Continua a soprar o **minuano**, que entra silvando pelas frestas de janelas e portas.

- Quem me dera um trago de branquinha! – murmura um dos homens.

- E um bom assado gordo – diz outro.

Uma voz brota dum canto escuro:

- E uma **china** bonita de perna grossa pra dormir comigo e m'esquentar.

- Deixa de prosa, Fandango – retruca Jango Veiga. – Tu está tão velho que nem pode com as **bombachas**.

Alguém solta uma risada seca e breve, sem muita vontade (p. 317, grifo nosso).

A escolha do livro *O Continente I* prendeu-se ao fato de que a obra possui os requisitos - foco do problema identificado neste projeto. São eles:

a) Foi editado no começo do século XX;

b) a história se desenrola em um cenário totalmente regional, que é o estado do Rio Grande do Sul;

c) contém uma terminologia tipicamente gaúcha, o que se pode perceber nas sinopses dos capítulos mencionados anteriormente. Nesse caso, as palavras típicas encontram-se em negrito (grifo nosso). Fica subentendido que as palavras em questão podem ou não serem analisadas no trabalho. É apenas uma amostra do que se considera tipicamente gaúcha.

d) o escritor da obra tem como terra natal o Rio Grande do Sul e utiliza a linguagem própria deste local.

2.4 Érico Veríssimo³

O escritor gaúcho Érico Lopes Veríssimo, mais conhecido como Érico Veríssimo, nasceu no dia 17 de dezembro de 1905, na cidade de Cruz Alta, RS. O filho de Abegahy Lopes Veríssimo e Sebastião Veríssimo, é “uma das vozes mais representativas do século XX”, morou em Cruz Alta até os seus 25 anos, quando então, em 1930, mudou-se para Porto Alegre. É contratado para ocupar o cargo de secretário de redação da *Revista do Globo*, onde atuou fazendo traduções. Em 1931, “A Seção Editora da Livraria do Globo lança a primeira tradução de Érico, O Sinaleiro, de Edgar Wallace.” Em 1932, foi promovido a Diretor da *Revista do Globo*. Neste mesmo ano, o autor lança *Fantoches*, “uma coletânea de histórias em sua maior parte na forma de peças de teatro. Foram vendidos 400 exemplares dos 1.500 publicados. A sobra, um incêndio queimou” (GRUPO CEEE, 2013).

Clarissa, publicado em 1933, foi seu primeiro romance, com tiragem de 7.000 exemplares, seguido por *Caminhos Cruzados* e *Olhai os Lírios do Campo*, sendo este último um de seus maiores sucessos editoriais e de tradução. O escritor foi responsável pela edição de 36 obras, entre “romances, novelas, contos, memórias, narrativas infanto-juvenis e de viagens”. Foi, também, o criador do “Clube dos Três Porquinhos, na Rádio Farroupilha, cuja experiência gerou diversas obras infantis. Destaque para *As Aventuras do Avião Vermelho*, *Os Três Porquinhos Pobres* e *O Urso com Música na Barriga*” (GRUPO CEEE, 2013).

Em 1947, é iniciada a obra *O Tempo e o Vento*. “Previsto para ter um só volume, acabou ultrapassando as 2.200 páginas, sob a forma de trilogia, consumindo 15 anos de trabalho.” Em 1949, é lançado o primeiro livro da trilogia, *O Continente*; em 1951, *O Retrato*; e só entre 1961 e 1962, *O Arquipélago* (GRUPO CEEE, 2013).

³ Todo o conteúdo deste tópico foi baseado no texto da página digital do Centro Cultural CEEE Érico Veríssimo. Disponível em <http://www.ccev.com.br/index.php/biografia>. Acesso em: 20 jun 2019.

O escritor recebeu três prêmios importantes para sua carreira, são eles: Prêmio Machado de Assis, em 1954, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra; Prêmio Jabuti, em 1965, com o livro *O Senhor Embaixador*; e Troféu Juca Pato, em 1968, por ter sido escolhido “intelectual do ano”. Além destes prêmios, em 1964, recebeu o título de Cidadão de Porto Alegre, concedido pela Câmara de Vereadores. Em 1973, Érico “amplia sua autobiografia, publicada em 1966 pela editora Nova Aguiar, fazendo surgir suas memórias, sob o título de *Solo de Clarineta*” (GRUPO CEEE, 2013).

O escritor Érico Veríssimo morre subitamente em 1975, deixando a esposa Mafalda Halfen Volpe e seus dois filhos, Clarissa e Luiz Fernando. Fica inacabada a segunda parte do segundo volume de suas memórias, além de esboços de um romance que se chamaria *A Hora do Sétimo Anjo*. Em 1976 é lançado *Solo de Clarineta 2*, segundo volume de *Memórias*, edição póstuma, organizada por Flávio Loureiro Chaves (GRUPO CEEE, 2013).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Serão tratados nesta seção conceitos sobre Linguística, Sociolinguística, Terminologia e Socioterminologia. Estes conceitos estão relacionados ao estudo científico de termos e variações terminológicas, contribuindo para uma melhor compreensão do problema identificado neste projeto de pesquisa.

3.1 Linguística e Sociolinguística

A Linguística é uma ciência que está voltada ao estudo da linguagem e da língua. A linguagem tem uma interpretação bem abrangente, pois pode se referir às mais diversas interpretações, desde a linguagem dos animais aos movimentos da dança ou expressão transmitida por uma obra artística. Pode-se dizer que todos os tipos de linguagem são símbolos utilizados para a comunicação. A língua, por sua vez, é a parte verbal de todos os signos da linguagem (PETTER, 2018, p. 17).

A Linguística vem de uma ciência geral a qual Peirce⁴ chamou de Semiótica⁵, porém, está voltada somente para a investigação da linguagem verbal humana. É uma ciência que “estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, as *línguas naturais*, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso” (PETTER, 2018, p. 17).

Conforme Saussure (2012, p. 31), a Linguística passou por três fases antes de ser consagrada como ciência. São elas: Gramática, que “[...] visa formular regras para distinguir as formas corretas e incorretas [...]”; Filologia, que não se preocupa com a língua como ponto principal, mas sim, em “[...] fixar, interpretar, comentar os textos [...]”; a terceira fase foi quando “[...] se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si [...]”. O autor complementa as palavras de Petter (2018, p. 17), quando menciona:

⁴ Charles Sanders Peirce (Cambridge, 10 de setembro de 1839 — Milford 19 de abril de 1914) foi um filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático americano. Seus trabalhos apresentam importantes contribuições à lógica, matemática, filosofia e, principalmente à semiótica. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce. Acesso em: 20 jun 2019.

⁵ Semiótica é a doutrina filosófica geral dos sinais e símbolos, especialmente das funções destes, tanto nas línguas naturais quanto nas artificialmente construídas; compreende três ramos: sintaxe, semântica e pragmática (MICHAELIS, 2010, p. 790).

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressões. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os textos escritos, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (SAUSSURE, 2012, p. 37).

Um profissional da área, o linguista, estuda os grupos sociais, descrevendo e explicando os fatores sonoro, gramatical e lexical⁶ destes grupos, inclusive todas as características que os diferem. Petter explica:

As diferenças de pronúncia, de vocabulário e de sintaxe observadas por um habitante de São Paulo, por exemplo, ao comparar sua expressão verbal à dos falantes de outras regiões, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, muitas vezes o fazem considerar “horrrível” o sotaque de algumas dessas regiões; “esquisito” seu vocabulário e “errada” sua sintaxe. Esses julgamentos não são levados em conta pelo linguista, cuja função é estudar toda e qualquer expressão linguística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado (PETTER, 2018, p. 17).

As diferenças de fala ou escrita que ocorrem entre as regiões do Brasil se manifestaram desde a época do descobrimento. Podemos dizer que o português falado no Brasil tem diferença do português de Portugal. Isto se prende ao fato de que, na época colonial, quando os portugueses chegaram ao nosso país, mantiveram contato com os povos nativos e, ao mesmo tempo, com os escravos africanos. Esse contato levou a modificações no uso do português característico de Portugal (BATTISTI, 2014, p. 9). Sobre essa questão, a autora explica que:

A situação inicial de bilinguismo foi gradualmente desaparecendo pela difusão do português, que passou de língua oficial a língua efetivamente falada por uma população mestiça, na qual o branco nunca deixou de ocupar o topo da hierarquia social. Foi nesse tempo que, no plano ideológico, se forjou o espírito brasileiro, a identidade nacional, sustentada pela tríade branco-índio-negro. Foi também quando, no plano linguístico, surgiram características definidoras do português brasileiro (BATTISTI, 2014, p. 9-10).

⁶ Lexical vem de léxico que significa o conjunto das palavras de que dispõe um idioma (MICHAELIS, 2010, p. 529).

Seguindo o raciocínio de Battisti (2014, p. 9), podemos dizer que as características citadas pela autora como definidoras do português brasileiro representam variações regionais, pois sabemos que os nativos brasileiros formavam tribos distintas (cada qual com sua linguagem), espalhadas por todo o território nacional. Quanto ao Rio Grande do Sul, em especial, a autora explica:

O português falado no Rio Grande do Sul, como qualquer variedade regional, apresenta características próprias. Sotaque, vocabulário, forma das palavras e das frases, o que o distingue? Pesquisas sociolinguísticas variacionista realizadas nos últimos trinta anos sobre aspectos da pronúncia gaúcha fornecem parte da resposta à pergunta: uma parte surpreendente, reveladora da diversidade de falares das comunidades sul-riograndense, relacionada à sua história e cultura (BATTISTI, 2014, p. 9).

No século XIX, os linguistas preocupavam-se com o estudo da transformação que vinham sofrendo as línguas e tentavam explicar as mudanças linguísticas. A Linguística daquela época se caracterizava por ser histórica ou diacrônica. Foi no século XX que Saussure introduziu o ponto de vista sincrônico, que tratava a língua num determinado ponto do tempo ou momento histórico. “Embora defendesse a perspectiva sincrônica no estudo das línguas, Saussure reconhecia a importância e a complementaridade das duas abordagens: a sincrônica e a diacrônica” (PETTER, 2018, p. 18).

A abordagem sincrônica estuda os “fatos linguísticos” em um determinado momento, enquanto a abordagem diacrônica se preocupa com a transformação destes fatos; a sincrônica vem sempre antes da diacrônica, pois, o interesse primeiro se dá em observar os fatos no momento em que acontece para depois estudar sua transformação. Muitos linguistas consideram as abordagens sincrônicas e diacrônicas como metodologias para serem estudadas separadamente, ou seja, se dedicam aos fatos linguísticos em determinado momento ou se dedicam à história da língua. Por este motivo, essas abordagens são conhecidas como sincrônica e histórica (PETTER, 2018, p. 18-19).

Além da Linguística, muitas outras áreas se preocupam com o estudo das línguas, pois a linguagem está em constante transformação, ou seja,

com o passar do tempo muitos fatores vão influenciando a língua; vão surgindo novos grupos sociais, novas áreas científicas, dentre outros fatores. Sobre esse contexto, Petter (2018) destaca:

Como muitas áreas de estudo se interessam pela linguagem, o estudo do fenômeno linguístico na interface com outras disciplinas criou várias áreas interdisciplinares: a *etnolinguística*, que trabalha no âmbito da relação entre língua e cultura; a *sociolinguística*, que se detém no exame da interação entre língua e sociedade; a *psicolinguística*, que estuda o comportamento do indivíduo como participante do processo de aquisição da linguagem e da aprendizagem de uma segunda língua (PETTER, 2018, p. 19).

Como o tema deste projeto se refere aos termos típicos regionais, mais especificamente do Rio Grande do Sul, dentre as áreas interdisciplinares mencionadas por Petter (2018, p. 19), a Sociolinguística é a que está mais ligada aos interesses desta pesquisa.

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística que está voltada para as variações da língua e sua funcionalidade sobre o contexto sociocultural (CARVALHO; FERREIRA, 2012).

Conforme Salomão (2011, p. 188), a Sociolinguística se desenvolveu a partir do ano de 1960 e seu foco de estudo é o “[...] efeito da sociedade sobre a língua [...]”. Sobre isso, Saussure exemplifica:

Grandes acontecimentos históricos, como a conquista romana, tiveram importância incalculável no tocante a inúmeros fatos linguísticos. A colonização, que não é senão uma forma de conquista transporta um idioma para meios diferentes, o que acarreta transformações nesse idioma (SAUSSURE, 2012, p. 53)

Tanto para Saussure (2012) quanto para Battisti (2014), a colonização foi o primeiro foco de mudança nos idiomas, seja do país colonizador ou do colonizado.

Para o estudo das diversas mudanças na linguagem dos povos, a Sociolinguística tem ligação com outras ciências, como a Antropologia, a Sociologia e a Linguística. A este respeito, Salomão (2011, p. 188) justifica:

[...] para que o campo da Sociolinguística pudesse se beneficiar plenamente da combinação de tais disciplinas, os *insights* etnográficos dos antropólogos, a teoria social e métodos da sociologia e as informações de base linguística tinham de ser

mescladas. Assim, os anos 60 se revelaram como um momento de grande efervescência para a Sociolinguística, por meio da união de estudiosos dessas três áreas do conhecimento para determinar como cooperar através das linhas disciplinares tradicionais (SALOMÃO, 2011, p. 188).

Pode-se dizer que a Sociolinguística é uma área que complementa outras áreas, no momento que se caracteriza por registrar, descrever e analisar “[...] sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variedade linguística como seu objeto de estudo [...]” (SALOMÃO, 2011, p. 189).

Podemos classificar o estudo da Sociolinguística sob duas perspectivas, conforme explica Monteiro (2000):

[...] a Sociolinguística pode ser compreendida a partir de duas perspectivas diferentes de estudo: a macrossociolinguística e a microssociolinguística. A primeira trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo, discutindo questões como as consequências do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis políticas linguísticas que um governo pode adotar; a segunda analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos na tentativa de determinar as pressões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável (MONTEIRO⁷, 2000 *apud* SALOMÃO, 2011, p. 189).

Mesmo não visando estudos estatísticos, o interesse desta pesquisa é uma explicação sobre as variações lexicais, por este motivo o enfoque será para a perspectiva microssociolinguística. Essa perspectiva é denominada “Sociolinguística Variacionista” ou “Teoria da Variação”. Trata-se de uma corrente de estudos introduzida por Labov que se utiliza da coleta de dados das variedades linguísticas de determinado grupo social. Seus primeiros estudos foram sobre a variedade linguística do inglês falado em Nova York e do inglês afro-americano; esses estudos influenciaram diretamente na “dialetologia social” (SALOMÃO, 2011, p. 190). Quanto a isso, a autora complementa:

Com metodologia bem delimitada, a Sociolinguística Variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-

⁷ MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

a-dia, procurando demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece (SALOMÃO, 2011, p. 190).

O objeto de estudo dos variacionistas é a fala, sendo essencial a “[...] compreensão da variação e das mudanças linguísticas [...]” (SALOMÃO, 2011, p. 190), pois, essas mudanças estão presentes no comportamento social. Para Labov (2008):

A língua é uma forma de comportamento social: declarações neste sentido podem ser encontradas em qualquer texto introdutório. Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros (LABOV, 2008 p. 215).

Conforme Salomão, “[...] a variação não é vista como efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por extralinguísticos, e não é assistemática⁸ [...]” (SALOMÃO, 2011 p. 190).

A Sociolinguística analisa o processo de interação fala/sociedade e tem por necessidade compreender quais fatores influenciam nas variantes e procura “estabelecer um processo de variação linguística”. Nessa “linha de pesquisa”, para o termo *variação*, também se pode usar o termo *variante* e outros termos como *variável* e *variedade* (SALOMÃO, 2011, p. 191). A autora explica que:

O conjunto das variantes é denominado “variável linguística”, ou seja, a forma, o traço ou construção linguística que é o próprio fenômeno variável tomado como objeto de estudo pelo investigador. A sociolinguística entende que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social (internos à língua) ou estrutural (externos à língua), os quais podem exercer pressão sobre os usos (SALOMÃO, 2011, p. 191).

Quanto ao termo variedade, pode-se dizer que está relacionado ao termo dialeto. Salomão cita Monteiro para explicar que “a expressão variedade linguística foi criada para evitar as conotações negativas dos termos língua e dialeto. Para ele, a variedade pode ser muito maior do que

⁸ Assistemática, segundo o dicionário Priberam, significa “[...] que não segue um sistema ou um método”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/assistem%C3%A1tica>. Acesso em: 22 jun 2019.

uma língua ou muito menor do que um dialeto” (MONTEIRO, 2000 *apud* SALOMÃO, 2011, p. 191).

Conforme Carvalho e Ferreira (2012), por se tratar de um fato social, a língua deve ser estudada em conjunto com suas variantes, que são classificadas como:

- a) **Diatópica, regional ou geográfica:** Como exemplo, podemos citar o termo *abóbora* (fruto da aboboreira), no Rio Grande do Sul é conhecida por *moranga* e no Ceará, por *jerimum*;
- b) **diastrática:** refere-se ao modo de falar dos grupos sociais de diversas categorias, como gênero/sexo, classe social, profissão, educação e idade. Um exemplo deste tipo de variação é a gíria, usada entre os jovens, principalmente;
- c) **diafásica:** grau de formalidade do contexto, ou seja, diz respeito ao nível de linguagem exigida em determinadas ocasiões;
- d) **Diacrônica ou histórica:** o modo de falar em um determinado momento da história.

Beline (2018) complementa:

[...] fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos casos que mostram que, de fato, as línguas variam. Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica - seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica (BELINE, 2018, p. 121).

Como podemos ver até aqui, a variação linguística observada em determinado grupo social ou na relação nação/estado pode ser classificada de formas diversas. Os termos típicos encontrados na literatura brasileira, formada por obras de autores das diversas regiões do território nacional, são exemplos disto, vistos como variação diatópica, ou seja, “[...] dizem respeito à região geográfica [...]” (CARVALHO; FERREIRA, 2012). As autoras mencionam Labov, quando dizem:

Para Labov, fazer linguística implica relacionar o social à língua, uma vez que se pode falar de mudança linguística e de variação apenas se houver uma comunidade de fala, ou seja, falantes que compartilham traços linguísticos que os diferenciam de outros grupos, e são vinculados por relações sociais ou geográficas. Segundo o autor, a variação dá-se tanto dentro da sociedade –

variação horizontal – como no indivíduo – variação vertical (LABOV⁹, 2008 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2012).

A gramática tradicional contrapõe a Sociolinguística, segundo as palavras de Petter:

A gramática tradicional, ao fundamentar sua análise na língua escrita, difundiu falsos conceitos sobre a natureza da linguagem. Ao não reconhecer a diferença entre língua escrita e língua falada passou a considerar a expressão escrita como modelo de correção para toda e qualquer forma de expressão linguística. A gramática tradicional assumiu desde sua origem um ponto de vista prescritivo, normativo em relação à língua (PETTER, 2018, p. 19).

Como foi verificado, enquanto a gramática tradicional é “prescritiva e normativa”, a Sociolinguística está preocupada com as variações da língua no contexto sociocultural. Se selecionarmos alguns termos relacionados à fala de determinado grupo social e procurarmos seu significado em um dicionário de gramática tradicional muitos destes termos não serão encontrados. Talvez este significado exista, mas sob outro termo normativamente escolhido.

Assim como a linguagem social sofre as influências vistas até aqui, com a linguagem científica não é diferente. Veremos, a seguir, alguns aspectos da Terminologia e da Socioterminologia que estão voltadas para a organização dos termos na área científica.

3.2 Terminologia e Socioterminologia

Quanto à grafia, o termo terminologia escrito com “T” maiúsculo refere-se à disciplina e com “t” minúsculo refere-se ao conjunto de termos de áreas específicas (KRIEGER; FINATTO¹⁰, 2004 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 1).

A Terminologia surgiu da necessidade de normatizar os termos utilizados pelos cientistas dos diversos países. Conforme cresciam as pesquisas científicas, apareciam a todo o momento termos novos que

⁹ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

¹⁰ KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

necessitavam de regras interdisciplinares para que fossem entendidos pelas áreas especializadas (CARVALHO; FERREIRA, 2012. p. 1).

No Brasil, a Terminologia começou a ser implantada nas universidades em 1980, agregando conhecimento juntamente com outras duas disciplinas já implantadas, a Lexicologia e a Lexicografia. “Embora o maior número de cursos seja da pós-graduação, a Terminologia já é disciplina obrigatória em alguns cursos de graduação, sobretudo em bacharelados de Tradutor e Intérprete”, diz Barros (2004, p. 37). No curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, a Terminologia está presente como disciplina eletiva.

A Terminologia é uma disciplina científica que tem como objetos de interesse o termo, a fraseologia e a definição. Abrange todas as áreas científicas e de estudo, inclusive a área das Ciências Exatas. É considerada “uma área teórica e aplicada por se ocupar, também, da produção de dicionários, glossários e banco de dados” (CARVALHO; FERREIRA, 2012). Conforme Cabré (2004):

Como disciplina é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática é o conjunto de princípios destinados à compilação de termos; e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. Vemos, pois, já desde o princípio, a marca da diversidade (CABRÉ, 2004, p. 10).

O primeiro estudioso a preocupar-se com os termos nas áreas especializadas foi o engenheiro austríaco Eugen Wüster, quando em 1930 originou a Teoria Geral da Terminologia – TGT, que tinha como elementos essenciais os enfoques cognitivos e normativos. A TGT “cria termos e seu processo é onomasiológico, ou seja, ela parte do conceito para o termo, estabelecendo uma relação de denominação”, de acordo com Carvalho e Ferreira (2012, p. 3). Essa Teoria ainda é muito utilizada em determinadas áreas por precisarem utilizar termos sem ambiguidades, como é o caso da Medicina e da Biologia (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 3).

Contraopondo Wüster, Maria Teresa Cabré propõe a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT. Segundo a autora, a TCT possui três dimensões da linguagem: a comunicativa, a linguística e a cognitiva (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 8). Conforme Krieger e Finatto:

Com fundamentos epistemológicos distintos, a TCT articula-se baseada na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, bem como na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 35).

A partir da TCT, proposta por Cabré, pode-se dizer que as variações terminológicas ocorrentes da linguagem natural podem existir, também, em áreas especializadas. Sobre esse aspecto, é possível afirmar que deve haver um equilíbrio terminológico na hora da construção de um documento, como os glossários, que trate da relação de termos e conceitos para os mais diversos fins. No caso das áreas especializadas, as variações dos termos devem ser direcionadas para o termo principal (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 8-9).

Os termos são unidades lexicais que estão presentes tanto em áreas específicas quanto na comunicação em geral. Um termo pode ser escrito de uma maneira e ter significados diferentes, dependendo do contexto em que estiver sendo aplicado. Por outro lado, pode adquirir variações que estão presentes em várias situações, como: regionalismo, áreas específicas, diacronia, entre outros. Ainda podem existir termos que são característicos apenas de um grupo social, não sendo conhecidos em outros grupos.

Este trabalho está focado na terminologia dos romances que fazem parte da literatura brasileira, portanto, trata-se de um conjunto de termos que fazem parte da linguagem natural, construída com as mais diversas variações terminológicas. Sobre este contexto, pode-se dizer que a disciplina Terminologia está relacionada com a linguagem popular, no momento que surge a socioterminologia. Conforme Carvalho e Ferreira (2012, p. 5), “o termo é a junção morfológica de duas áreas: sociolinguística e terminologia”,

ou seja, o termo socioterminologia ocorre devido à junção dos dois termos: sociolinguística e terminologia.

Seguindo os passos da Sociolinguística, a Socioterminologia também está preocupada com os aspectos sociais da língua. É uma ciência que faz parte da Linguística e foi desenvolvida nos anos 1970, em Quebec, Canadá e na França (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 5).

A Socioterminologia considera a existência das variações terminológicas, e, assim como Cabré, contrapõe a TGT de Wüster, pois esta teoria considera a Terminologia como “prescritiva e normatizadora em que a unidade do sistema, o termo, seria marcada pelos seguintes critérios: univocidade, monorreferencialidade e dependência a uma área” (CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 6). Conforme Cabré: “Em teoria os termos, diferentemente das palavras do léxico comum, são unidades unívocas (a relação entre forma e conceito é única) e monorreferenciais (um termo designa apenas um objeto)” (CABRÉ, 1993, p. 213 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 8).

Se observarmos uma determinada área de especialidade, com profissionais de diversos setores, veremos que se for feito um levantamento sobre o nome de determinado objeto, possivelmente, surgirão variantes terminológicas que levam a um mesmo conceito. Vejamos um exemplo citado por Strehler (1995):

[...] o catálogo do fabricante Borauto menciona uma peça chamada *anel de descarga*. Os mecânicos chamam-na de *biscoito* ou *junta de descarga*. Na ficha *anel de descarga*, dá-se o tratamento mais pormenorizado possível; e os termos *biscoito* e *junta de descarga* figuram no campo “variantes socioprofissionais”. Já no caso das fichas “biscoito” e “junta de descarga”, o tratamento vai unicamente até o campo “definição”, onde o leitor encontra, em vez de uma definição, uma remissiva ao termo que goza de uma atestação escrita, *anel de descarga* neste caso (STREHLER¹¹, 1995, p. 2 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 8-9).

Considerando o exemplo anterior, seria interessante que os profissionais responsáveis pela confecção de glossários, vocabulários, tesouros, entre outros, não ficassem alheios às questões das variações

¹¹ STREHLER, René. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. *Ciência da Informação* – V. 24, n. 3, 1995 – Comunicações.

terminológicas. Tanto no âmbito popular quanto no especializado, as variações existem, pois, como já foi visto, nossa cultura é miscigenada, fato que não pode ser ignorado. Conforme Faulstich:

Para falar de socioterminologia é preciso, antes de tudo, situar a terminologia no espaço da interação social. No Brasil, por exemplo, a história da terminologia se confunde com a formação da sociedade brasileira por meio da mistura de falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram. Vejam-se, nos dicionários, termos da fauna e da flora, como indicadores da terminologia indígena no português brasileiro, também termos relativos ao sincretismo religioso, à culinária, às credices, à música, entre outros termos populares, com marcas de origem africana, bem como termos emprestados, expressões híbridas e decalcadas. Assim sendo, não é novidade dizer que a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana (FAULSTICH, 2006, 27).

Portanto, pode-se dizer que a sociolinguística e a socioterminologia são ciências distintas, mas se relacionam no momento em que ambas estudam os termos “sob uma perspectiva linguística, social e comunicativa” (CARVALHO; FERREIRA, 2012). Esse comentário será mais bem explicado nas palavras de Faulstich (1996):

[...] o modelo sociolingüístico funcionará como um guia para o exame da funcionalidade socioterminológica cujo corpus é a linguagem de especialidade. Observe-se, todavia, que socioterminologia não é sociolingüística. A primeira se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. A sociolingüística, por sua vez, trata da variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá vir a ocorrer (FAULSTICH¹², 1996, p.15 *apud* CARVALHO; FERREIRA, 2012, p. 9).

Percebe-se que o estudo das variações linguísticas está direcionado às questões da fala e aos diversos falares nos variados grupos humanos que povoam o mundo. A Sociolinguística está preocupada com a língua no contexto sociocultural, como podemos ver no subtítulo 3.1.1 da página 20. Podemos dizer, também, que a Socioterminologia está voltada para as questões terminológicas; o termo pode ser considerado a expressão daquilo

¹² FAULSTICH, Enilde. Variações terminológicas: princípios lingüísticos de análise e método de recolha. *Actes: Reflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langues latines*. Nice, Realiter, Université de Nice-Sophie Antipolis, p.15-19. 1996. Disponível em: <http://www.realiter.net/spip.php?article630>. Acesso em: 07 fev 2012.

que se fala. Posicionando a literatura nesse contexto, é possível dizer que a terminologia literária é a expressão da fala do autor através de seus personagens; expressão da cultura, dos costumes, e das tradições de cada região ou grupo social. Conforme Fiorin:

[...] um literato não pode voltar as costas para os estudos linguísticos, porque a literatura é um fato de linguagem; de outro, não pode o linguista ignorar a literatura, porque ela é a arte que se expressa pela palavra; é ela que trabalha a língua em todas as suas possibilidades e nela condensam-se as maneiras de ver, de pensar e de sentir de uma dada formação social numa determinada época (FIORIN, 2018, p. 7).

As palavras de Fiorin (2018) nos levam a refletir que o tema e o problema identificados nesta pesquisa podem estar ligados a fatos que tendem a conectar a Linguística a todas as outras áreas científicas, uma vez que a língua e a fala em conjunto com o termo e a escrita são a base para o entendimento da informação, seja ela literária, acadêmica, especializada, entre outras.

A área da Ciência da Informação possui uma estreita ligação com a área da Linguística. A primeira, porque “[...] investiga as propriedades e comportamento da informação [...] tendo como objetivo a sua organização, armazenamento, recuperação e disseminação [...]”. A segunda faz a “[...] intermediação da análise documentária [...] e [...] se utiliza de métodos e processos para descrever o conteúdo dos documentos.” (MENDONÇA, 2000, p. 51). Conforme a autora,

A contribuição da lingüística, via linguagem, e a função social da ciência da informação, via comunicação, fornecem uma das questões prioritárias no meio documental neste final de século. Foucault diz que “a existência da linguagem é soberana, pois que as palavras receberam a tarefa e o poder de representar o pensamento”. Pensamento representado pela extensão do vocabulário e pela fertilidade de seus elementos na qual se incluem dois modos operantes: o fixo, em que a palavra é a base da construção limitada, restrita, e o flexível, em que as palavras têm múltiplas definições e são dotadas de combinações associativas [...] (MENDONÇA, 2000, p. 50).

Mediante as palavras da autora, pode-se dizer que as “Variações Sociolinguísticas”, vistas anteriormente, são muito importantes para as

Ciências da Informação, mais especificamente para a Biblioteconomia, que se utiliza de termos e suas variantes para a classificação e indexação de documentos.

4 METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre as variações terminológicas identificadas na obra *O Continente I* de Érico Veríssimo. Trata-se de uma pesquisa básica por trazer um tema de interesse geral e tem como objetivo “[...] gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (MORESI, 2003, p. 8).

A autora deste trabalho, ao ler o livro *O Continente I*, identificou inúmeros termos que fazem parte do vocabulário gaúcho e outros que não são de seu conhecimento. Esses termos foram pesquisados para que se identificasse a tipicidade Rio-grandense em cada um e a ocorrência de alguma variação terminológica, para posterior análise e descrição do fenômeno. Assim, este estudo tem abordagem qualitativa por não se preocupar com representatividade numérica, ou seja, não serão necessários levantamentos estatísticos, “[...] os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (MORESI, 2003, p. 9).

Trata-se de um trabalho de caráter exploratório, no qual são apresentadas informações que visam “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses” (MORESI, 2003, p. 9).

Quanto aos procedimentos, pode-se dizer que é um estudo bibliográfico e terminológico. Bibliográfico por ser um “[...] estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral [...]” (MORESI, 2003, p. 10). Foram pesquisados, principalmente, livros de referência, como os dicionários. E terminológico pois visa analisar e descrever termos regionais cuja variação possa gerar dificuldades de compreensão do sentido original do termo. É importante destacar que para a realização desta etapa do estudo foi necessário pesquisar nos livros de referência encontrados no setor do Rio Grande do Sul, situado na Biblioteca Pública do Estado - BPE. A consulta em dicionários modernos e do começo do século XX possibilitou analisar e descrever mudanças de sentido que alguns termos sofreram desde a publicação da obra.

O texto é uma espécie de armadilha que impõe a seu leitor um conjunto de convenções que o tornam legível. Faz esse leitor entrar em seu jogo de maneira a produzir através dele um efeito pragmático determinado, a fazer seu macroato¹³ de linguagem ser bem-sucedido (MAINGUENEAU, 1996, p. 39).

Analisando as palavras de Maingueneau (1996, p. 39), pode-se dizer que o leitor se utiliza de várias técnicas que sejam convincentes para que haja um melhor entendimento e uma melhor interpretação da fala do autor.

Maingueneau (1996, p. 43) menciona que “[...] o leitor também deve dominar a gramática da língua e empregar o discurso de forma adequada”. Porém, as palavras do autor nos levam a pensar que, para um leitor que não possua uma ampla “competência léxica”, torna-se um obstáculo à leitura a dificuldade de interpretação de texto.

A partir da leitura do livro *O Continente I* (VERÍSSIMO, 2000), houve certa dificuldade, para a autora deste trabalho, entender uma quantidade expressiva de termos com relação ao seu significado, dificultando sua interpretação no contexto do parágrafo em que estão inseridos. Foi tomada a iniciativa, então, de elencar esses termos (**APÊNDICE A**), que resultaram em um total de 207 (duzentos e sete) vocábulos. Visto que o livro possui 325 páginas, pode-se dizer que em cada página encontra-se dois termos nessas condições.

Em um primeiro momento, foi feita uma busca desses termos nos seguintes dicionários da língua portuguesa: Michaelis (2010), Aurélio (2008) e Houaiss (2019). A partir da conceituação que cada um deles atribuiu aos termos pesquisados, optou-se por seguir o Houaiss (2019), não por ser o mais recente, mas por ser o mais completo em suas especificações.

Com a pesquisa feita no dicionário Houaiss (2019), dos 207 (duzentos e sete) termos, constatou-se que 66 (sessenta e seis) termos são classificados como sendo do sul do Brasil ou Rio Grande do Sul; alguns estão caracterizados como fazendo parte do regionalismo do Brasil, sem que seja especificada a região; outros são típicos do Rio Grande do Sul e de um ou dois outros estados simultaneamente, tendo pronúncia e significados iguais. Os demais são classificados como de fala geral do país.

¹³ Macroato é uma sequência de atos de fala; atos de fala globais.

De posse dessas informações, foi elaborada uma segunda relação de termos. Nessa nova relação (**quadro 1**), estão elencados os termos que são típicos do Rio Grande do Sul, que são em um total de 25 (vinte e cinco). A palavra *típico* significa algo que serve de tipo e tem como variante o termo *característico* (HOUAISS, 2009).

Porém, alguns significados não se encaixavam no contexto do parágrafo do livro. Por esse motivo foi feita uma pesquisa no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003), com o objetivo de obter uma posição correta sobre o significado de cada termo conforme falado no Rio Grande do Sul. Observou-se, então, que, no dicionário de Bossle (2003) os significados eram fieis ao contexto do assunto dos parágrafos que continham os termos.

Um segundo comparativo foi feito utilizando um dicionário que estivesse mais próximo do ano da primeira edição do livro (1949). Foi encontrado, no Setor do Rio Grande do Sul da Biblioteca Pública do Estado – BPE, o *Vocabulário Sul-rio-grandense* (CORRÊA, 1964) que complementou a pesquisa proporcionando uma análise diacrônica dos termos, onde se pode perceber que alguns vocábulos caíram em desuso.

Para os termos que necessitavam de uma descrição mais abrangente, recorreu-se a uma pesquisa *on-line*, com o cuidado sobre a veracidade dos dados.

Quadro 1 – Termos típicos do Rio Grande do Sul.

| TERMO | PG. | TERMO | PG. | TERMO | PG. |
|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|
| Minuano | 1 | Maragato | 5 | Pasmo | 13 |
| Reduções | 31 | Arengar | 56 | Escaramuça | 56 |
| Sanga | 73 | Arriadas | 74 | Chiripá | 77 |
| Mulita | 89 | Bugio | 112 | Oscos | 129 |
| Chinocas | 135 | Chilenas | 137 | Cuia | 138 |
| Boleadeiras | 142 | Matungos | 142 | Tablada | 149 |
| Chinas | 153 | Gauderiando | 174 | Pingo | 179 |
| Piguanchas | 180 | Entrevero | 221 | Chimarrão | 199 |
| Bombachas | 171 | | | | |

Fonte: elaborado pela autora.

Nota: a sigla PG. refere-se à página do livro *O Continente* (2000) onde o termo se encontra.

Por questões de organização, os 25 (vinte e cinco) termos relacionados no **quadro 1** foram agrupados conforme sua classe. A iniciativa do agrupamento destes termos foi inspirada na divisão facetada conhecida como PMEST, criada por Ranganathan, considerada como “[...] uma grande inovação na área da teoria da classificação” (SILVA; MIRANDA, 2016, p. 75). Também conforme Silva e Miranda (2016), a PMEST se refere às seguintes categorias: P= Personalidade, M = Matéria, E = Energia, S = Espaço, e T = Tempo.

Os 25 (vinte e cinco) termos típicos do Rio Grande do Sul, encontrados no livro *O Continente I*, estão classificados conforme as seguintes classes: ação, animais, bebidas, características, danças, lugares, objetos, pessoas, vestuários e clima. Dessa maneira, a priori, já se pode ter uma ideia de um significado geral do termo. As classes foram escolhidas de maneira que melhor atendesse as necessidades deste estudo. Cada um dos assuntos está relacionado à faceta correspondente, conforme o PMEST. Vejamos, a seguir, como ficou a classificação.

Quadro 2 – Grupo de termos com classificação inspirada no PMEST

| P = PERSONALIDADE | | |
|----------------------------|---------------------------------|--|
| ANIMAIS | BEBIDAS | PESSOAS |
| Matungo Mulita Pingo | Chimarrão | Chinas Chinocas Maragato Piguanchas |
| VESTUÁRIOS | OBJETOS | |
| Bombachas Chiripá | Boleadeiras Chilenas Cuia | |
| M = MATÉRIA | | |
| CARACTERÍSTICAS | | |
| Oscó | | |
| | | |

| E = ENERGIA | | |
|---|---------------|--|
| AÇÃO | DANÇAS | |
| Arengar Arriadas Entrevero Escaramuça Gauderindo Pasma | Bugio | |
| S = ESPAÇO | | |
| LUGARES | CLIMA | |
| Reduções Sanga Tablada | Minuano | |

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando as questões das variações terminológicas de que tratam a Sociolinguística e a Socioterminologia, foram examinados alguns termos elencados nas categorias do último quadro apresentado.

Além da variação regional, que é uma característica presente em todos os termos – visto que estes termos são típicos apenas de uma localidade dentro do território Nacional, neste caso o Rio Grande do Sul – foram analisados outros tipos de variações que possam ter sofrido, bem como a presença de possíveis variantes, ou ainda qualquer outro tipo de processo que possa contribuir com este estudo.

Como subsídio para determinar a existência de variação diacrônica, foi feita uma pesquisa no setor Rio Grande do Sul da Biblioteca Pública do Estado – BPE, em busca de um dicionário de termos gaúchos que coincidissem com a época em que surgiu a primeira edição do livro *O Continente* (1949). A pesquisa nos levou a apenas um volume, intitulado *Vocabulário Sul-rio-grandense*, um livro que reúne quatro obras em um único dicionário de vocabulários rio-grandenses, porém, o ano de sua edição é 1964.

O período entre 1949 e 1964 forma 15 anos, uma quantidade de tempo não muito extensa; de 1964 a 2003 (ano da edição do *Dicionário Gaúcho Brasileiro*) são 39 anos. Visto por este âmbito, pode-se dizer que mesmo não sendo da década do livro *O Continente*, o *Vocabulário Sul-riograndense* poderá ser comparado com o dicionário de 2003 e foi de grande relevância para esta pesquisa.

5 ANÁLISE DOS TERMOS

A escolha dos termos para análise se concentrou naqueles que apresentaram maior diversidade de informação. Entende-se por diversidade os termos que trazem conteúdos que possam explicar com mais especificidade o problema empírico desta pesquisa, como é o caso dos tipos de variantes. Os termos escolhidos são os seguintes, seguindo as classificações mencionadas no **quadro 2**:

- a) bebidas: chimarrão;
- b) características: osco;
- c) lugares: reduções;
- d) objetos: boleadeiras, chiripá, cuia;
- e) pessoas: maragato.

A análise dos termos foi disposta na seguinte ordem:

- a) Termo em negrito, em caixa alta, seguido da classe gramatical entre parênteses (a classe gramatical está embasada na definição do *Dicionário Gaúcho Brasileiro*);
- b) Descrição do termo conforme o *Dicionário Houaiss* (2019);
- c) Descrição do termo conforme o *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003);
- d) Descrição de um dos autores do *Vocabulário Sul-rio-grandense* (1964);
- e) Variante, se houver;
- f) Tipo de variação terminológica existente;
- g) Parágrafo do livro onde se encontra o termo;
- h) Observações.

BOLEADEIRAS (Substantivo feminino plural)

Regionalismo: Rio Grande do Sul.
artefato composto por esferas (de pedra, marfim ou ferro), forradas de couro espesso (*retovo*) e unidas por três tiras de couro (*sogas*) presas entre si por uma das pontas, us. pelos campeiros para envencilhar animais ou mesmo como arma; três-marias [Uma das bolas, de tamanho menor (*manica*), é empunhada pelo boleador para imprimir movimento rotatório ao conjunto.] (HOUAISS, 2019).

Instrumento de origem indígena, empregado pelos campeiros para apreender animais, ou como arma de guerra. Os tiros alcançam uns

25m de distância. É constituída por três bolas (de ferro, pedra ou outro material) envolvidas num couro espesso (retovo) e ligadas entre si por cordas de couro trançadas ou torcidas, chamadas *sogas*. Duas das bolas são do mesmo tamanho, e a terceira, menor, chamada de *manicla*, *manícula*, *manica* ou *minga* é o que o boleador empunha para manejar o conjunto. Hoje em dia não são utilizadas, pois costumavam provocar fraturas e a inutilização do animal; bolas, pedras, três-marias. (Var.: *boleadoras*.) (BOSSLE, 2003, p.85.).

[...] aparelho que serve para prender o animal em campo aberto. É formado por três esferas de pedra ou de ferro envolvidas num couro espesso – *retôvo* – ou, ainda, por pequenos cacos de panela de ferro que, no mesmo envoltório, tomam forma arredondada. Essas esferas ligam-se entre si por meio de cordas de couro, denominadas *soga das boleadeiras*. Duas das bolas são de igual tamanho, e a terceira, menor, chamada *manicla* ou *manica*, é a que o boleador empunha para manejar o conjunto. (O mesmo que bolas, pedras e três-marias.) (HOLLANDA, 1964, p. 70).

Variantes: bolas, pedras, três-marias, boleadoras.

Tipo de variação: diatópica e diacrônica.

Parágrafo do livro:

Ana Terra sentiu uma revolta crescer-lhe no peito. Teve ganas de dizer que não tinha criado o filho para morrer na guerra nem para ficar aleijado brigando com os castelhanos. Guerra era bom para homens como o Cel. Amaral e outros figurões que ganhavam como recompensa de seus serviços medalhas e terras, ao passo que os pobres soldados às vezes nem o soldo recebiam. Quis gritar todas essas coisas mas não gritou. A presença do homem – aquelas botas pretas, grandes e horríveis! – a acovardava. Fez meia volta e se foi em silêncio. E ia pisar no alpendre quando ouviu a voz retumbante do coronel que a envolveu, pesada e violenta como *boleadeiras*:
- Estou com setenta anos e prefiro mil vezes morrer brigando do que me finir aos pouquinhos em cima duma cama! (VERÍSSIMO, 2000, p. 142).

Observações: o termo *boleadeiras* foi descrito como sendo um objeto relacionado à lida com animais; como pode ser visto, os três dicionários fizeram uma descrição idêntica. Uma pesquisa comparativa foi feita no *Dicionário Michaellis* (2010) e no *Dicionário Aurélio* (2008), mas, ambos os dicionários não apresentam registro do termo. Quanto às variações, no geral, todos os termos escolhidos podem ser classificados como sendo variação diatópica, pois, fazem parte da cultura e fala Rio-grandense. A

variação histórica (diacrônica) se confirma quando Bossle (2003) diz que o objeto *boleadeiras* não é mais utilizado.

CHIMARRÃO (Adjetivo e substantivo masculino)

1 Regionalismo: Rio Grande do Sul.

que ou o que foge ao costeiro e se torna bravio (diz-se de rês)

2 Derivação: por extensão de sentido.

que ou o que foge e passa ao estado selvagem (diz-se de animal doméstico)

3 Regionalismo: Sul do Brasil.

diz-se de ou mate amargo, preparado com água fervente numa cuia, sem açúcar, e sorvido por meio de uma bomba ('canudo')

4 Derivação: por extensão de sentido.

diz-se de ou qualquer outra bebida quente, servida sem açúcar (HOUISS, 2019).

1. *Mat.* Mate cevado sem açúcar, em seu sabor natural. É preparado em cuia de porongo e sorvido através de um tubo metálico, chamado *bomba*. O chimarrão, símbolo de hospitalidade, é a bebida indispensável do gaúcho, em qualquer ocasião. O mesmo que *chima*, *mate*, *mate amargo*, *mate-chimarrão*, *amargo*, *verde*, etc. **2.** Qualquer outra bebida sem açúcar: café, chá, etc. **3.** Diz-se de, ou gado bovino que foge para os matos e neles vive fora de toda a sujeição. **4.** Diz-se do cão sem dono, que se tornou selvagem, bravio, que se alimenta dos animais que mata. **5.** Qualquer animal doméstico que se torne alçado. **6.** Selvagem, bravio, indomesticado. **7.** Reunião de confraternização dos sócios entre si e destes com a Patronagem de um CTG (BOSSLE, 2003, p. 147).

[...] *mate-chimarrão* ou simplesmente *chimarrão* (é então substantivo) é o que se prepara sem açúcar. A esta bebida assim preparada dá-se também o nome de *mate-amargo*, *verde* ou *amargo* (estas últimas palavras como substantivos). [...] Esta bebida é a predileta dos camponeses rio-grandenses, que encontram nela não só um excelente aperitivo, estomacal e diurético, como também um alimento de poupança; pois o campônio, tomando alguns *mates*, pode perfeitamente passar 24 horas e mais sem tomar outro alimento. Com a significação que o Professor Coruja dá a este vocábulo não o conhecemos atualmente no Estado, salvo se em outras épocas houvesse sido usado com aquela acepção (o animal vacum *alçado*) que o mesmo Professor Coruja aponta em sua coleção, de 1852. Já temos ouvido emprega-lo para indicar os cães bravios que habitam os matos cevando-se da carne de animais que eles matam; porém mesmo nesse sentido é pouco ou nada usado este termo, que é corruptela de *cimarrón*, da América Espanhola, na acepção de animais e plantas silvestres. (Campano.) Daí analogamente vem a sua aplicação para designar-se o *mate* sem açúcar ou amargo (CORRÊA, 1964, p. 122).

Variantes: chima, mate, mate amargo, mate-chimarrão, amargo, verde.

Tipo de variação: diatópica.

Parágrafo do livro:

Acre e úmida, a respiração de gato bafejava o rosto do capitão. O luar parecia deixar mais brancos os cabelos do padre. Um galo cocoricou longamente num quintal; outros galos responderam em outros terreiros, e por um instante a noite ficou como que cheia de clarinadas. Rodrigo lembrou-se de toques de clarim na madrugada. E quase sentiu a impressão que tinha quando em campanha era acordado ao alvorecer pelas cornetas: a cabeça vazia, uma dor de fome no estômago, e na boca uma secura que era vontade de tomar *chimarrão*. Enquanto os galos cantavam, os dois homens ali perto da figueira ficaram em silêncio. Rodrigo procurava discernir vultos dentro da casa de Pedro Terra. Era lá que morava Bibiana. Por trás daquelas paredes estava a cama em que a moça dormia. Daria um braço, um olho, uma perna para dormir com Bibiana. Só de pensar nisso sentia prazer. De algum jardim vinha-lhe às narinas um cheiro adocicado de flor.

Observações: no *Dicionário Houaiss*, item 1, o significado dado ao termo *chimarrão* não é conhecido no Rio Grande do Sul, conforme pode ser visto na explicação de Corrêa (1964), exposto acima. Uma pesquisa paralela feita no *Dicionário Michaelis* (2010) e no *Dicionário Aurélio* (2008), justificam o termo como sendo mate sem açúcar.

Apesar de ser uma bebida conhecida e apreciada em Santa Catarina e Paraná, é o Rio Grande do Sul que é lembrado quando se fala no *chimarrão*. Conforme Hartmann (2018):

Bebida símbolo do Rio Grande do Sul, o *chimarrão* é um legado dos índios Guaranis. Sempre presente no dia a dia, constitui-se de uma das tradições mais representativas deste povo. É também conhecido como mate amargo, mas não tem nada de amargo em seu significado: é sinônimo da hospitalidade e da amizade do gaúcho (HARTMANN, 2018).

A variação existente sobre este termo, *chimarrão*, é somente diatópica. O que enaltece o vocábulo é a quantidade de variantes existentes; no livro estudado, o autor utiliza duas variantes: o termo *chimarrão* propriamente dito e o termo *mate chimarrão*.

CHIRIPÁ (Substantivo masculino)

Regionalismo: Rio Grande do Sul.
peça de vestuário us. no passado pelos homens do campo, sul-riograndenses, argentinos, uruguaios e paraguaios, que consistia num

retângulo de pano, ger. de lã vermelha, passado entre as coxas e preso à cintura (HOUAISS, 2019).

Peça de vestuário masculino, rústica e sem costura, outrora usada pelos gaúchos do campo. Constava de um metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura, nas extremidades, por uma cinta de couro ou pelo tirador. O chiripá servia de calças ou de bombachas. Com o aparecimento da bombacha, o chiripá deixou rapidamente de ser usado. Hoje é usado apenas nos CTGs, por conjuntos folclóricos, constituindo-se numa peça de luxo, com bordados e franjas. Antes desse, existia um chiripá primitivo ou indígena, uma espécie de saia, que se estendia da cintura até os joelhos. O gaúcho usou muito esse tipo de chiripá por costume que lhe foi passado pelos índios minuanos. Também se escreve xiripá (BOSSLE, 2003, p. 150).

[...] vestimenta rústica, sem costura, usada pelos campeiros e constituída de metro e meio de fazenda, a qual passando por entre as pernas, é apertada na cintura, em suas extremidades, por uma cinta de couro ou pelo *tirador*. O *chiripá* serve de calças, ou mais propriamente de bombachas. Essa vestimenta primitiva está quase em desuso na indumentária rio-grandense [...] (CALLAGE, 1964, p. 127).

Variantes: Xiripá.

Tipo de variação: diatópica e diacrônica.

Parágrafo do livro:

Ana Terra apanhou uma pedra com ambas as mãos. Se ele avançar pra mim – pensou – atiro-lhe a pedra na cabeça. Era a tática que usava contra cobra... Foi-se erguendo devagarinho, sem tirar os olhos do corpo, que continuava imóvel, caído de borco, os braços abertos em cruz, a mão esquerda mergulhada na sanga. Ana Terra recuou um passo, dois, três... O desconhecido não fez o menor movimento. Tinha o torso nu, manchado de sangue, e seu *chiripá* estava todo rasgado. Seus cabelos eram pretos e longos e sua face se achava quase completamente escondida atrás duma macega (VERÍSSIMO, 2000, p. 77).

Observações: ao analisarmos as três descrições sobre o termo *chiripá*, pode-se verificar que o *Dicionário Houaiss* (2019) e o *Dicionário Gaúcho* (BOSSLE, 2003, p. 150) o descrevem como um vestuário não mais utilizado atualmente. Sua utilização tornou-se apenas artística, usado apenas por grupos de folclore gaúchos. Já o *Vocabulário Sul-rio-grandense* (CALLAGE, 1964, p. 127) se dirige ao chiripá como um vestuário *quase* em desuso, o que significa que em 1964 alguns gaúchos ainda o usavam no seu cotidiano.

Por esse motivo, pode-se dizer que a variação histórica é apropriada para o caso, pois o termo não é mais falado, uma vez que o vestuário não é mais utilizado.

CUIA (Substantivo feminino)

Regionalismo: Rio Grande do Sul.

recipiente ger. feito da casca polida de um fruto da cuieira, com ornatos e tampa de prata lavrada, em que se bebe mate quente, o chimarrão, sugando-o pela bomba (ou bombilha); porongo (HOUISS, 2019).

1. *Mat.* Recipiente onde se toma chimarrão, sorvendo-o por meio de um canudo de metal chamado *bomba*. A cuia de chimarrão geralmente é feita do porongo, utilizando sempre a parte menor (a flor do porongo) e muitas vezes adornada de prata, artisticamente lavrada; cabaça; porongo. 2. *Pop.* Cabeça. 3. Desordem, barulho. Entra na composição da palavra *banzé-de-cuia*: rolo. (BOSSLE, 2003, p. 176).

[...] porongo, cabaça, quase sempre ricamente prateada e lavrada, em que se prepara e bebe-se o *mate*, por meio de um canudo de metal denominado *bomba*. Há também *cuias* feitas de barro, de louça, etc. [...] (CORRÊA, 1964, p. 153).

Variantes: porongo, cabaça.

Tipo de variação: diatópica.

Parágrafo do livro:

Tendo na mão a *cuia* de mate – quente como uma presença humana – e chupando lentamente na bomba, Ana Terra às vezes ficava sentada à sombra duma laranjeira, na frente de seu rancho, tentando lembrar-se das coisas importantes que tinham acontecido desde o dia em que ela chegara àquele lugar. Mas não conseguia: ficava confusa, os fatos se misturavam em sua memória. E o que sempre lhe vinha à mente nessas horas eram os muitos invernos que tinha atravessado, pois o inverno era o tempo que mais custava a passar. O vento minuano às vezes parecia prender a noite e afugentar o dia que tentava nascer. Tudo era mais comprido, mais triste e mais custoso no inverno (VERÍSSIMO, 2000, p. 138).

Observações: segundo o *Dicionário Houaiss* (2019), o termo *cuia* é utilizado no Estado do Maranhão para designar *abóbora-menina*, que também é um fruto, mas não pertence à cuieira, árvore que dá a cuia. No Nordeste do

Brasil o termo *cuia* é o nome que se dá à medida de capacidade correspondente a dez litros, variando, às vezes, dependendo a localidade. Confirma-se, então, que o tipo de variação existente nesse caso é de cunho regional (diatópica). Os artesãos conhecem o fruto da cueira, a *cuia*, como *porongo* ou *cabaça*.

MARAGATO (Substantivo masculino):

Regionalismo: Rio Grande do Sul.

1 Rubrica: política.

adepto do movimento federalista que, em 1893, inspirou a revolução sob chefia de Silveira Martins contra o partido então dominante, que tinha à frente Júlio de Castilhos.

1.1 participante dessa revolução

2 Rubrica: política.

membro do Partido Libertador que, em 1923, se opôs à política de Antônio Augusto Borges de Medeiros, governador do Rio Grande do Sul (HOUAISS, 2019).

1. Participante da revolução rio-grandense de 1893, chefiada por Gaspar da Silveira Martins e adversário do partido então dominante, chefiado por Júlio Prates de Castilhos. Esse apelido pejorativo, que passou, mais tarde, a ser um título honroso, foi dado pelos republicanos, numa alusão aos uruguaios, oriundos da Maragateria, Espanha que acompanhavam Gomercindo Saraiva, caudilho gasparista que iniciou a revolução em 5/2/1893; quero-quero. **2.** Adepto da doutrina política pregada por Gaspar da Silveira Martins; federalista. **3.** Revolucionário ou partidário da revolução rio-grandense de 1923, adepto do partido liderado por Joaquim Francisco de Assis Brasil e contrário a Antonio Augusto Borges de Medeiros, governador do Estado. **4.** *Pop.* Oposicionista (BOSSLE, 2003, p. 322-323).

[...] revolucionário ou partidário da revolução que assolou o Rio Grande do Sul, de 1893 a 1895. Na província de León (Espanha) existe uma comarca denominada *Maragateria*, cujos habitantes têm o nome de *maragatos*, e, que, segundo alguns, é um povo de costumes condenáveis; pois, vivendo a vagabundear de um ponto a outro, com cargueiros, vendendo e comprando roubos e por sua vez roubando principalmente animais; são uma espécie de ciganos. Aos naturais da cidade de São José, no Estado Oriental do Uruguai, dão neste país o nome de *maragatos*, talvez porque os seus primeiros habitantes fossem descendentes de *maragatos* espanhóis. Pelo fato dos rebeldes em suas excursões irem levantando e conduzindo todos os animais que encontravam, tendo apenas bagagens ligeiras, cargueiros, etc. como os da Maragateria e porque (com exceções) suspendiam com o que encontravam em suas correrias, aplicou-se-lhes aquela denominação, que aliás, eles retribuía com outras não menos *delicadas* aos republicanos, a despeito da correção em geral observada por estes em toda a luta (CORRÊA, 1964, p. 288).

Variantes: oposicionista, federalista.

Tipo de variação: diatópica e diacrônica.

Parágrafo do livro:

José Lírio não disse palavra. O outro fez meia volta, deu alguns passos e ao chegar à quina da igreja, voltou a cabeça para trás e disse:

- Agora vê só como é que procede um *maragato* de vergonha.

Pôs a carabina a tiracolo e começou a atravessar a rua a passo calmo, como se estivesse acompanhando um enterro. No meio do caminho parou, bateu o isqueiro, tornou a acender o cigarro, tirou uma baforada e depois seguiu pachorrentamente seu caminho, desaparecendo por entre as árvores e as sombras da praça (VERÍSSIMO, 2000, p. 5-6).

Observações: no caso do termo *maragato* percebe-se que foi muito utilizado em dois momentos da história do Rio Grande do Sul. O vocábulo surge na Revolução Federalista que ocorreu de 1893 a 1895, que, conforme Guilherme Paiva Scienza, estudante de História – Licenciatura da PUC-RS, estagiário da Biblioteca Borges de Medeiros da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul:

[...] um grupo denominado de Federalistas (também chamados de maragatos), contrários ao sistema presidencialista, queria a formação de um governo parlamentarista, com mais autonomia dos Estados Nacionais. Almejando a deposição de Júlio de Castilhos, presidente do Rio Grande do Sul na época, os maragatos, liderados por Gaspar da Silveira Martins e Gumercindo Saraiva, lutaram contra os Republicanos (também chamados de pica-paus, chimangos, castilhistas ou legalistas), que apoiavam o governo (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, [2018?]).

Devido à Revolução Federalista, os termos *maragato* e *chimango* ficaram muito conhecidos entre os gaúchos, aparecendo, inclusive, em letras de músicas tradicionalistas, o que faz lembrar muito a história do Rio Grande do Sul. No livro *O Continente I*, a história se passa no ano de 1895, que, no caso, foi o ano de término da Revolução Federalista. O outro momento histórico em que o termo *maragato* esteve presente foi no ano de 1923, quando aconteceu a Revolução Rio-grandense, também chamada de Revolução de 23. Conforme Leite (2017):

O ano de 1923, no Rio Grande do Sul, foi marcado pelo confronto, entre os assististas e borgistas, conhecido como Revolução de 23 ou Assisista. O primeiro grupo, compondo a oposição, era formado pelos dissidentes do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e por antigos federalistas (maragatos) que se reuniram sob a liderança do diplomata e pecuarista Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938). O segundo grupo, composto por chimangos (antigos picapaus), era liderado por Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961) que governou o Estado, por mais de 20 anos, de forma ditatorial (LEITE, 2017).

Assim, podemos constatar a variação histórica presente nesses relatos, pois mostram que o termo *maragato* e suas variantes, *federalista* e *oposicionista*, foram usados nesses dois contextos históricos.

OSCO (Adjetivo)

Rubrica: zootecnia. Regionalismo: Rio Grande do Sul.
que apresenta pelo avermelhado, sendo o lombo ou a maior parte do corpo escuro, como que queimado (diz-se de gado vacum) (HOUAISS, 2019).

1. Diz-se do gado de pelo escuro, lembrando o zaino dos equinos, podendo ser de cor mais ou menos carregada; pelo cor de pinhão; vermelho enfarruscado. 2. *Fig.* Complicado, difícil. (*Var.:* *hosco.*) (*Do cast. plat. hosco.*) (BOSSLE, 2003, p. 362).

[...] diz-se do pelo do vacum, lembrando o do zaino dos equinos, podendo ser de cor mais ou menos carregada, principalmente na região do pescoço. Parece vir de fosco ou fusco (MORAES, 2003, p. 327).

Variantes: hosco.

Tipo de variação: diatópica e diacrônica.

Parágrafo do livro:

Puseram-se a caminho. Marciano picou um dos bois, gritando: Vamos, boi osco! As rodas rechinaram. Ana Terra estava na frente duma mulher de rosto amarelado e triste que, com seus seios murchos, amamentava uma criança de poucos meses. Num canto da carreta a velha com cara de Origone mirava-a com o rabo dos olhos (VERÍSSIMO, 2000, p. 129-130).

Observações: Em um primeiro momento, a pesquisa no *Dicionário Houaiss* (2019) empregando o termo *osco* não surtiu o resultado esperado. Nesse

dicionário, *osco* significa “1 relativo a ou indivíduo dos oscos, antigo povo da Itália situado entre a Campânia e o território dos volscos 2 diz-se de ou língua indo-europeia, do ramo itálico, sub-ramo osco-umbro, falada pelos oscos” (HOUAISS, 2019). Somente após a pesquisa no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (Bossle, 2003) que foi tomado conhecimento da variante *hosco*. Uma nova pesquisa foi feita no *Dicionário Houaiss* (2019) utilizando o termo *hosco*, desta vez o resultado foi positivo; o significado se encaixa no contexto do parágrafo do livro. Sobre essa situação, pode-se dizer que a variação diatópica se confirma pela presença de duas condições de regionalidade: a palavra *osco* sem a letra “h” que é típica de uma região dentro do território nacional e a palavra *hosco* com a letra “h” que tem sua origem na América Platina¹⁴.

REDUÇÕES (Substantivo feminino plural)

- 1 ato ou efeito de reduzir (-se); diminuição.
- 2 limitação, restrição, contenção
- 3 ato ou efeito de subjugar; subjugação, jugo
- 4 luva de encanamento, própria para reduzir o diâmetro de um cano para outro; redutor
- 5 abatimento (no preço); desconto
- 6 reprodução, em escala menor, de um objeto de arte, uma fotografia etc.(HOUAISS, 2019).

Lugarejo, aldeia, povoado dos índios no tempo das missões jesuíticas; sete delas formaram os Sete Povos das Missões (BOSSLE, 2003, p. 439).

Variantes: missões.

Tipo de variação: diatópica e diacrônica.

Parágrafo do livro:

Na oficina, Alonzo foi ver o que estavam modelando os escultores e ali passou uma hora. O índio Francisco, que nascera e se educara na missão, era um escultor consumado. Havia talhado muitas imagens, algumas das quais se achavam nas igrejas de outras

¹⁴ América Platina é uma região da América do Sul formada por três países (Argentina, Paraguai e Uruguai) que são banhados pelos rios formadores da Bacia do Rio Prata (Wikipédia, 2019). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_Platina. Acesso em: 06 nov. 2019.

reduções. De torso nu e calças de algodão, ele trabalhava a madeira com paixão, enquanto o suor lhe escorria pelo corpo bronzeado. Alonzo ficou a observá-lo por alguns momentos. Francisco esculpia a imagem dum Senhor Morto. Os outros escultores índios em geral davam à face das figuras os seus próprios característicos fisionômicos: olhos oblíquos, zigomas salientes, lábios grossos. Havia pouco um índio esculpira um Menino Deus índio com um cocar de penas na cabeça. Mas o Cristo Morto de Francisco, com sua face alongada e suas feições semíticas, lembrava estranhamente, na sua simplicidade dramática, certas imagens do século XI, que Alonzo vira em igrejas da Europa. Era surpreendente como aquele índio conseguira dar uma expressão de dor e ao mesmo tempo de paz ao rosto do Filho do Homem.

Observações: no conteúdo anterior, percebe-se que, no *Dicionário Houaiss*, as seis definições apresentadas não se encaixam no contexto do parágrafo do livro; no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003), a definição é fiel ao enunciado do texto. Quanto ao *Vocabulário Sul-rio-grandense* (CORRÊA, 1964), o termo *reduções* não foi encontrado.

Para uma melhor explicação do termo, foi feita uma pesquisa *on-line* do vocábulo *reduções* e os resultados obtidos nos direcionaram para a expressão *missões jesuíticas*. Uma das páginas indicadas se intitula *A12 Redação*, que se relaciona a assuntos religiosos. Nessa página, foi encontrado o relato de uma pesquisa feita pelo Pe. José Inácio Medeiros, intitulada “História da igreja na América Latina: as reduções indígenas”, com matéria bem explicativa que muito contribuiu com este trabalho. Conforme Medeiros¹⁵ (2016):

As Reduções faziam parte da metodologia de evangelização e educação mais inovadora aplicada aqui na América pelos europeus. Ela foi uma iniciativa, sobretudo, dos religiosos, com especial destaque para as grandes ordens como a dos jesuítas. Este sistema de evangelização pretendia levar os povos indígenas a uma maior convivência, facilitando a sua evangelização e, ao mesmo tempo, separando-os dos colonizadores para que não tivessem contato com seus maus exemplos e se livrassem também da exploração. Em cada redução as construções eram uniformes, destacando a Igreja e a grande praça central muito usada para as concentrações e festas. O número de habitantes variava de mil a 7 mil, tendo uma equipe de três missionários à sua frente (MEDEIROS, 2016).

As variações terminológicas acerca do termo *reduções* se definem como diatópica e histórica (diacrônica). Diatópica por tratar-se de um termo

¹⁵ Pe. José Inácio Medeiros é mestre em História da Igreja pela Universidade Gregoriana. Escreve série sobre a História da Igreja no Brasil para o A12.com.

utilizado no Rio Grande do Sul na época das missões jesuíticas, e diacrônica porque o termo foi usado apenas em um período histórico. Nos dicionários atuais, a variante *missões* é o termo encontrado com significado idêntico a *reduções*.

Com as informações obtidas e os estudos bibliográficos das áreas da Sociolinguística e da Socioterminologia, é possível dizer que os fatores que influenciam na compreensão de alguns vocábulos das obras literárias brasileiras são as variações linguísticas.

Essas variações estão presentes na forma como cada grupo se expressa, seja em nível regional, de determinada época da história, da situação informal ou formal, da diferença de idade, da classe social ou, ainda, da escolaridade ou da profissão.

Como pode ser visto nas observações dos termos analisados, a variação regional ou geográfica (diatópica) é predominante, pois são termos típicos do estado do Rio Grande do Sul. Alguns apresentam, também, a variação histórica (diacrônica).

Para melhor visualizar a variação que ocorre com cada termo, foi feito um levantamento que será demonstrado no **Quadro 3**.

Quadro 3 – Relação dos termos analisados e as variações correspondentes.

| TERMOS | VARIAÇÃO DIATÓPICA | VARIAÇÃO DIACRÔNICA |
|---------------|---------------------------|----------------------------|
| Boleadeiras | X | X |
| Chimarrão | X | |
| Chiripá | X | X |
| Cuia | X | |
| Maragato | X | X |
| Osco | X | |
| Reduções | X | X |

Observa-se que todos os termos mencionados possuem a característica da tipicidade, por este motivo a todos eles é atribuída a

variação diatópica (regional ou geográfica). Quatro termos, além da diatópica, recebem como atribuição a variação diacrônica (histórica). São eles: boleadeiras, chiripá, maragato e reduções. Portanto, podemos dizer que os motivos da variação de cada termo se deve aos costumes locais e à fala dos diversos grupos sociais que habitam uma localidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal uma análise dos termos utilizados pelo escritor Érico Veríssimo quando da redação de seu livro *O Continente*, primeiro volume da trilogia *O Tempo e o Vento*, escrito em 1949. Para tanto, foi utilizado o primeiro volume da 42. edição publicada em 2000 (essa edição é composta de dois volumes do livro *O Continente*).

O que motivou a análise desses termos foi a falta de compreensão, da parte da autora deste trabalho, com relação ao significado de alguns deles, dificultando, assim, a sua interpretação dentro do contexto do parágrafo em que está incluído.

Mediante o curto prazo para a elaboração deste trabalho, optou-se pela escolha de sete termos para uma análise mais aprofundada. São eles: boleadeiras, chimarrão, chiripá, cuia, maragato, osco e reduções. A escolha destes termos não foi aleatória; foram escolhidos aqueles que apresentam informações mais complexas, como é o caso da variação na escrita do termo *osco* (com “h” ou sem “h”) ou do termo *reduções* (que caiu em desuso).

Com os argumentos apresentados no decorrer deste trabalho, concluiu-se que as variações diatópicas e diacrônicas estão presentes nos termos típicos gaúchos selecionados no **quadro 3**. A presença das variações diatópicas estão determinadas pela questão regional (geográfica). Existem fatores que influenciam a fala de cada região, como a miscigenação e a formação dos grupos sociais. As variações diacrônicas ficam por conta do passar dos anos (histórica). Determinados termos caem em desuso ou são substituídos por outro.

O sucesso do resultado desse estudo deve-se, principalmente, aos subsídios teóricos da Sociolinguística, em especial à William Labov e sua “Teoria da Variação” ou “Sociolinguística Variacionista” . Nas palavras do autor, “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21). Sobre isso, é possível dizer que os termos, no âmbito desta pesquisa, são o reflexo da fala; como a fala muda de comunidade para comunidade ou grupo social para grupo social, com os

termos acontece o mesmo, por esse motivo ocorrem as variações linguísticas ou variações terminológicas.

Na terminologia presente no livro *O Continente I* (2000), percebe-se que alguns termos são bem conhecidos quando lidos de maneira isolada, mas dentro do contexto do parágrafo em que se encontram no livro adquirem outros significados, por exemplo: se pegarmos a palavra *cura* (APÊNDICE A), é certo dizer que se trata de saúde; no caso do livro analisado nesta pesquisa, o termo *cura* adquire o significado de “pároco de aldeia” ou “ajudante de pároco” (MICHAELIS, 2010, p. 246).

Concluimos que os fatores que influenciam o vocabulário nas obras literárias brasileiras são as variações linguísticas, principalmente as regionais (diatópicas), que é o caso do livro *O Continente I* de Érico Veríssimo.

Muitos autores da literatura brasileira são sugeridos para leitura em nível pedagógico, para vestibulares, ou, até mesmo, em nível acadêmico. Mas, é certo dizer que os livros desses autores também estão ao dispor da população em geral, e sabe-se que muitos dos indivíduos que constituem a massa populacional estão interessados apenas na leitura. Ora, se o leitor está interessado apenas na leitura é plausível dizer que ele irá se sentir estimulado se o significado do termo, que corresponda corretamente com o que o texto pede, estiver ao seu alcance. Nem sempre esse indivíduo terá ao seu dispor um dicionário.

Outra questão a ser mencionada, conforme evidenciamos nesta pesquisa, é que os dicionários gerais nem sempre dão conta da especificidade dos regionalismos presentes em obras literárias tais como a que analisamos neste trabalho. Se pesquisarmos o termo *boleadeiras* em dicionários como o *Aurélio* ou o *Michaelis*, por exemplo, o vocábulo não será encontrado; seu significado só será encontrado no *Dicionário Houaiss* ou em dicionários regionais, de acesso mais restrito, como é o caso do *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003).

Com o resultado desta pesquisa, apontamos a necessidade de inserção de um glossário em cada obra reeditada, principalmente no caso dos livros escritos até meados do século XX, onde se encontram os maiores obstáculos.

Isso traria benefícios, também, para os tradutores, pois pouparia tempo de pesquisa na tradução. O ato tradutório deve gerar uma equivalência de significado e não de palavra. Da mesma forma, um glossário contribuiria com os profissionais de Biblioteconomia no momento da indexação das obras literárias, por ampliarem o leque de variantes, facilitando, assim, a busca de informação.

Um glossário nos livros seria uma excelente iniciativa das editoras brasileiras para a educação literária dos brasileiros. Com este recurso o leitor poderia usufruir de uma explicação dos termos com maior rapidez e conforto, aumentando sua percepção para a interpretação dos textos.

Um exemplo deste tipo de iniciativa é o glossário do livro *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de João Simões Lopes Neto, versão editada pela Unisinos, em 2006, em dois volumes. Fazem parte da obra: introdução, comentários, notas, glossário, cronologia, registro de variantes e estabelecimento do texto, feito por Aldyr Garcia Schlee.

Por se tratar de incentivo à leitura, a questão dos glossários poderia ser um assunto em pauta nos próximos encontros do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL.

Em trabalhos futuros, dentre outros estudos, sugerimos uma análise sobre a etimologia dos termos para que se entenda melhor sua origem e o porquê da mudança da escrita, como é o caso dos termos “*osco*” e “*hosco*” (p. 49), que neste trabalho conseguimos identificar justamente em função da pesquisa realizada sobre cada termo, o que demonstra a necessidade de realização de mais estudos desta natureza.

REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Borges de Medeiros. Pesquisa elaborada por Guilherme Paiva Scienza (estagiário). Apresenta texto sobre a Revolução Federalista. Disponível em:
<http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/Publica%C3%A7%C3%B5esTem%C3%A1ticas/Revolu%C3%A7%C3%A3oFederalista/tabid/6477/Default.aspx>. Acesso em: 16 out. 2019.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: USP, 2004. (Acadêmica, 54).
- BATTISTI, Elisa. O português falado no Rio Grande do Sul: história e variação linguística. In: Leda Bisol, Elisa Battisti (Org.). **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: PUCRS, 2014. p. 9-17.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: José Luiz Fiorin (Org.). **Introdução à linguística**. 6. ed., 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 121-140.
- BOSSLE, João Batista Alves. **Dicionário gaúcho brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003. 541 p.
- CABRÉ, María Teresa. A Terminologia hoje: concepções, tendências e aplicações. In: KRIEGER, Maria Da Graça; ARAÚJO, Luzia (Org.). **A Terminologia em foco**. Porto Alegre: Instituto de Letras – UFRGS, 2004. p. 1-138. (Cadernos de Tradução, 17).
- CALLAGE, Roque. **Vocabulário Sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Globo, 1964.
- CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. 98 p.
- CARVALHO, Flávia Medeiros de; FERREIRA, Alice Maria Araújo. Da sociolinguística à socioterminologia: definindo conceitos. **Tabuleiro das letras – revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagem, PPGEL**. Salvador. n. 5, dez 2012. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/176>. Acesso em: 07 jun 2019.
- CORRÊA, Romaguera (Org.). **Vocabulário Sul-Rio-Grandense**. Capa de João Azevedo Braga. Porto Alegre: Globo, 1964. Reúne quatro obras em um único dicionário de vocábulos rio-grandense.
- FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, vol. 58, n. 2. São Paulo. abril/jun 2006. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0009-672520060002&lng=pt&nrm=iso

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Curitiba: Positivo, 2008. 544 p.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: José Luiz Fiorin (Org.). **Introdução à linguística** I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2018. 6 ed. p. 7-9.

FRAZÃO, Dilva. **Ferdinand de Saussure**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/. Acesso em: 05 jun 2019.

GORDON, Matthew J. **Willim Labov**. Oxford Bibliographies, 2018. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199772810/obo-9780199772810-0195.xml>. Acesso em: 07 jun 2019.

GRUPO CEEE. Biografia: Érico Veríssimo. 2013. Disponível em: <http://www.cccev.com.br/index.php/biografia>. Acesso em: 10 jun. 2019.

HARTMANN, Anderson. Chimarrão: origem e mistérios da bebida símbolo dos gaúchos. **Gazeta do Povo**, Porto Alegre, 20 set. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/chimarrao-origem-e-misterios-da-bebida-simbolo-do-gaucha/>. Acesso em: 18 out. 2019.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Vocabulário Sul-rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1964.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Ed.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 50, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408/1109>. Acesso em: 22 maio 2019.

KRIGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bago, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Carlos Roberto da Costa. **Revolução de 23**: chimangos x maragatos. Porto Alegre, 2017. Texto encontrado em Recanto das Letras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-politica/5137602>. Acesso em: 16 out. 2019.

- MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. Tradução Marina Appenzeller. Revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 205 p. (Coleção Leitura e Crítica).
- MARQUES NETO, José Castilho (Org.). PNLL: textos e história. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 340 p. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/490/1/PNLL.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- MEDEIROS, Pe. José Inácio. **História da igreja na América Latina: as reduções indígenas**. 2016. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/historia-da-igreja/historia-da-igreja-na-america-latina-as-reducoes-indigenas>. Acesso em: 17 out. 2019.
- MELO, Otávio Peixoto de. **Maragato assessoramento: vocabulário gaúcho**. 27 set. 2009. Disponível em: <http://maragatoassessoramento.blogspot.com/2009/09/vocabulario-gaucha.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- MENDONÇA, Ercília Severina. A linguística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a06v29n3>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- MICHAELIS: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2010. 952 p.
- MORAES, Luiz Carlos de. **Vocabulário Sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Globo, 1964.
- MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, p. 24, 2003. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- NEVES, Flávia de Siqueira. **Variação Linguística**. [S.l.], [2007?]. Norma Culta. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 22 out. 2019.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: José Luiz Fiorin (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2018. 6. ed., 6. Impressão, p. 11-24.
- PINHEIRO, Vanessa Castilhos Martins. **Geloteca de Viamão-RS: interação e envolvimento com a comunidade**. 2019. 101 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199602>. Acesso em: 19 nov. 2019.

RIZZI, Iuri Rocio Franco. As cinco leis da Biblioteconomia no Brasil. In: LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; EGGERT-STEINDEL, Gisela (Org.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia**: reflexões e desafios. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 30-42. Disponível em: http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/As_contribuicoes_de_Ranganathan.pdf. Acesso em: 01 out. 2019.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectiva da sociolinguística variacionista. **Fórum Linguístico – Revista de Linguística**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul/dez, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/14042>. Acesso em: 06 jun 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Charles Bally; Albert Sechehaye (Org.). Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012, 312 p.

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SNBP. **Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL**. Brasília, [2018?]. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/pnll/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SILVA, Márcio Bezerra da; MIRANDA, Zeny Duarte de. A formação de assuntos na teoria da classificação facetada de Ranganathan: uma análise conceitual. In: LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; EGGERT-STEINDEL, Gisela (Org.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia**: reflexões e desafios. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 72-83. Disponível em: http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/As_contribuicoes_de_Ranganathan.pdf. Acesso em: 01 out. 2019.

VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004. Adaptação de Nílvia Pantaleoni, 19 jul. 2016. Disponível em: <https://nilviapantaleoni.wordpress.com/category/macroato-de-fala/>. Acesso em: 09 set. 2019.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento**: o continente I. 42. ed. São Paulo: Globo, 2000. 325 p.

YUNES, Jorge. Não basta acreditar... não basta saber ler... In: NETO, José Castilho Marques (Org.). **PNLL** : textos e história. São Paulo: CulturaAcadêmica, 2010. p. 199-205. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/490/1/PNLL.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

APÊNDICE A - Relação de termos não compreendidos pela autora deste trabalho

| TERMO | PG. | TERMO | PG. | TERMO | PG. |
|--------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|
| Sereno | 1 | Campanário | 1 | Federalista | 1 |
| Salmoura | 1 | Encarnado | 1 | Minuano | 1 |
| Miúdos | 1 | Rebenque | 3 | Poltrão | 3 |
| Geada | 4 | Mate | 5 | Maragato | 5 |
| Poncho | 6 | Gaiato | 7 | Pinhão | 7 |
| Barbaridade | 8 | Charque | 9 | Pala | 10 |
| Guapa | 13 | Balázio | 13 | Pasmo | 13 |
| Borco | 13 | Vassuncê | 14 | Sarro | 15 |
| Camisolão | 17 | Alarifes | 17 | Peonada | 17 |
| Mamicas | 18 | Balouça | 19 | Pomo | 21 |
| Vicentistas | 22 | Faina | 22 | Bacamartes | 22 |
| Invernadas | 22 | Sesmaria | 22 | Lavrado | 23 |
| Desagravado | 23 | Híspidas | 24 | Amiudar | 25 |
| Apoplexia | 25 | Carmesim | 25 | Vilezas | 25 |
| Zurbarán | 26 | Aparvalhados | 26 | Magotes | 26 |
| Sobrolho | 28 | Engolfava | 28 | Bastões | 29 |
| Outeiro | 29 | Erva-mate | 29 | Tiorbas | 29 |
| Caponete | 30 | Macela | 30 | <i>Cura</i> | 30 |
| Catre | 30 | Reduções | 31 | Cabildo | 31 |
| Pay | 31 | Zigomas | 31 | Alcaides | 31 |
| Reduções | 31 | Aguazil-mor | 31 | Alfaias | 32 |
| Cristamente | 32 | Viático | 32 | Vituperando | 33 |
| Sarabanda | 33 | Inefável | 34 | Pavana | 34 |
| Cela | 35 | Estertoroso | 36 | Prear | 36 |
| Ronqueira | 38 | Moscardos | 38 | Ajaezados | 38 |
| Grácil | 38 | Rútilo | 39 | Ostensório | 39 |
| Mirífico | 40 | Aspergia | 42 | Hissope | 42 |
| Elucubrações | 43 | Acolitava | 43 | Tonsura | 45 |
| Mocho | 45 | Ginete | 46 | Chirimia | 48 |
| Roupeta | 50 | Aprestos | 54 | Brida | 55 |
| Arengar | 56 | Escaramuça | 56 | Encarapitado | 56 |

| | | | | | |
|-------------|-----|-------------|-----|-------------------|-----|
| Refrega | 58 | Venda | 62 | Batelão | 63 |
| Barrancas | 64 | Chamarrita | 65 | Algibeira | 65 |
| Sarrabaio | 66 | Guedelhudas | 66 | Encatarroada | 69 |
| Carreiras | 69 | Castelhanos | 73 | Cafundó | 73 |
| Coxilha | 73 | Sanga | 73 | Taquaraçu | 73 |
| Apeava | 73 | Arriadas | 74 | Roque | 74 |
| Faina | 74 | Penacho | 75 | Espadagão | 75 |
| Peleando | 76 | Chiripá | 77 | Fímbria | 78 |
| Gamela | 79 | Caleça | 80 | Ganga | 81 |
| Cassa | 89 | Mulita | 89 | Pachorrento | 90 |
| Socavões | 91 | Guaiaca | 92 | Bicho-carpinteiro | 93 |
| Palanque | 93 | Tirana | 93 | Cabresto | 93 |
| Soalheira | 94 | Rosetas | 102 | Sezões | 107 |
| Entanguidos | 110 | Bugio | 112 | Tanoeiro | 114 |
| Pressagas | 118 | Visguenta | 121 | Origone | 128 |
| Amalento | 129 | Oscos | 129 | Rechinaram | 129 |
| Vau | 130 | Tremedal | 131 | Cerração | 131 |
| Burlequear | 133 | Peleja | 134 | Chinocas | 135 |
| Aperos | 136 | Chilenas | 137 | Cuia | 138 |
| Sotaina | 139 | Corote | 140 | Boleadeiras | 142 |
| Matungos | 142 | Próprio | 143 | Tablada | 149 |
| Surrão | 150 | Molambentos | 153 | Igualha | 153 |
| Chinas | 153 | Cocam | 155 | Bergantim | 155 |
| Batelão | 155 | Faldas | 156 | Espraia | 160 |
| Quermesse | 160 | Barbicacho | 171 | Bombachas | 171 |
| Cinamomo | 171 | Gauderiando | 174 | Banda | 176 |
| Malito | 176 | Marombando | 177 | Pingo | 179 |
| Estranja | 179 | Piguanchas | 180 | Pelegos | 182 |
| Bisca | 183 | Mormaço | 184 | Azinhavrado | 194 |
| Fandango | 194 | Meremar | 196 | Chimarrão | 199 |
| Desdouro | 200 | Guaxo | 205 | Encalistrado | 220 |
| Caudilhos | 221 | Entrevero | 221 | Apim | 224 |
| Bomba | 241 | Canhada | 243 | Bochinchos | 247 |
| Purgantes | 251 | Apoquente | 255 | Pingas | 255 |

| | | | | | |
|------------|-----|----------|-----|----------|-----|
| Peraus | 258 | Tropilha | 272 | Bisca | 272 |
| Atafona | 273 | Trempe | 276 | Ilhargas | 277 |
| Bisonho | 285 | Estafeta | 294 | Petardo | 299 |
| Cambulhada | 308 | Butiá | 310 | Bagual | 320 |

Fonte: elaborado pela autora